



MARTE NA TERRA?
UMA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA
ÀS ILHAS SELVAGENS
pág. 30

INVER20

NÚMERO 4

ficha técnica | estatuto editorial

DIREÇÃO

Divisão de Comunicação da Universidade de Évora

ISBN

2184-8270

PERIODICIDADE TRIMESTRAL

4ª edição [novembro 2021]

REDAÇÃO

Andreia Rosa, Marco Cardoso, Maria Serrano, Raquel Fernandes

DESIGN

Susana Rodrigues

FOTOGRAFIA E VÍDEO

capa **António Campos | National Geographic Portugal**
Hugo Faria, Carlos Espiga

PROPRIEDADE

Universidade de Évora

CONTACTO

revistainverso@uevora.pt

A revista Inverso é uma publicação institucional, de natureza jornalística, que procura ângulos e perspectivas diferentes, valorizando a diversidade, a multiplicidade e o desdobramento de facetas de cada um dos atores da Academia. Pretende dar a conhecer olhares menos óbvios e contribuir para o (re) conhecimento do que se faz na Academia, nas suas várias áreas e dimensões. É uma publicação que reflete muito mais do que os resultados obtidos na investigação, no ensino ou na inovação. É uma publicação que dá a conhecer pessoas. A Inverso é uma revista cá dentro lá para fora.

editorial



◀ Investigadores

Ilhas Selvagens

[Fotografia António Campos | National Geographic Portugal]

AFINAL, QUE VOZES SÃO OUVIDAS?

Novembro de 2021 e um cenário climático potencialmente catastrófico a médio prazo, a juntar a uma pandemia (in)controlada e a uma pouco auspiciosa crise económico-política. Folhear as páginas dos jornais nacionais e internacionais ou mudar freneticamente de canal de televisão, não conduz a nenhum outro assunto em agenda. Somos remetidos para imagens a lembrar uma qualquer grande produção cinematográfica do início deste século. Ficção? Não. Enquanto 197 países se reuniam na Cimeira do Clima da ONU- COP26, em Glasgow, em protestos por todo o mundo içavam-se cartazes sobre a emergência climática: “There is no Planet B”, “Planet over Profit”, “If not you, who? If not now, when? COP26 act now!”, “Stop wasting Time”, “World Leaders stop failing us”.

Em Glasgow as vozes denotam uma dissimulada concordância. Nas entrelinhas lê-se hesitação. As vozes que decidem estão mesmo decididas? António Guterres, Secretário Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), encerra os trabalhos da Cimeira aludindo ao Acordo de Glasgow: “Os textos aprovados são um compromisso. (...) Dão passos importantes, mas não suficientes. (...) O nosso frágil planeta está pendurado por um fio. A Ciência diz-nos que a prioridade absoluta deve ser a redução rápida, profunda e sustentada das emissões [de CO₂] nesta década. Especificamente - um corte de 45% até 2030, em comparação com os níveis de 2010.” Mas os dados atualmente disponíveis apontam para um previsível

aumento das emissões no mesmo período.

Certamente que as vozes dos cientistas, terão de ser ouvidas. A mensagem de David Attenborough é clara “We are after all, the greatest problem solvers that have ever existed on Earth. We now understand this problem; we know how to stop the number (concentration of carbon on our atmosphere) and put it in reverse”.

É para este objetivo que contribuem diariamente, direta ou indiretamente, os investigadores e professores da Universidade de Évora. Nesta edição da Inverso, acompanhamos Helena Adão, que estuda as comunidades de meiofauna, dada a sua importância para o desenvolvimento de indicadores ecológicos para a conservação dos fundos oceânicos, e embarcamos numa expedição liderada por Ana Zélia Miller, integrada numa equipa de investigadores da UÉ que procura reconstruir o paleo-clima num dos últimos redutos selvagens do planeta.

As alterações climáticas e a neutralidade carbónica estão na ordem do dia também para os cientistas. Mas a ação, essa fica do lado de cada um dos cidadãos. Que planeta vai ser herdado pelas próximas gerações? O que dirão sobre este momento decisivo da história? Fomos capazes de estancar o número de emissões de CO₂ ou mesmo revertê-lo?

Andreia Rosa

[coordenadora da divisão de comunicação]

PRIMEIROS TRAÇOS NA LINHA DO FUTURO

Entre desenhos de retratos, fotografias, poesia, com um toque de rock progressivo e sinfónico, até à prática de pilates, encontramos a Margarida Diamantino, uma cinéfila insaciável, constantemente entusiasmada por viajar num drama histórico, um thriller psicológico ou até uma cena de ficção científica.

“Adoro sentir-me submergida por histórias tão diversas e que retratam tantas visões de um mesmo mundo multifacetado. Todos os pequenos pormenores da história do cinema, dos seus realizadores, atores, argumentos, bandas sonoras e evoluções técnicas possuem um lugar cimeiro nos meus interesses”, partilha a jovem de 18 anos que é, a partir deste ano, estudante da licenciatura em Psicologia da Universidade de Évora.



zoom



“Só consigo ver-me no papel de psicóloga”, confessa, embora apenas tenha iniciado o contacto com esta área do saber este ano académico 2021/22. “Sempre tive fascínio por compreender a mente, os seus mistérios e como esta tem um papel tão significativo na nossa qualidade de vida e consequentemente na nossa felicidade” e foi por isso que, “através de livros, filmes, artigos e até rubricas de rádio (como é exemplo a do psiquiatra Júlio Machado Vaz)”, procurou adquirir mais elementos sobre a relevância e o papel “desta ciência “humana” que pode aportar ao indivíduo e à sociedade muito mais do que vulgarmente se lhe atribui.”

Natural de Lisboa, mas a viver desde sempre na Aldeia da Venda, no concelho do Alandroal, foi este ano que se mudou para Évora na sequência da sua entrada na UÉ. Apesar de desvalorizar a importância das notas que são apenas “o resultado de um percurso de combinações entre fatores quase totalmente controláveis por nós e outros um pouco mais externos”, foi a média de 18,9 valores que lhe permitiu entrar na primeira opção, sendo a atual detentora da média mais alta de ingresso através do Concurso Nacional de Acesso.

Apaixonada pela forma como a psicologia permite entender ações, medos, frustrações, fracassos e até sucessos do ser humano, e na expectativa de adquirir bases formativas e práticas para compreender “pequenos pormenores que muitas vezes passam despercebidos e que são reveladores de problemas, traumas, dúvidas de dimensão decisiva na defini-

ção das personalidades dos indivíduos”, acredita na transprofissionalidade, tendo como referência Daniel Kahneman, doutorado em psicologia e vencedor do Prémio do Banco da Suécia em Ciências Económicas em memória de Alfred Nobel, que combina a economia com a ciência cognitiva para explicar o comportamento (aparentemente) irracional da gestão do risco pelos seres humanos.

“Acredito que existe ainda um longo caminho a ser percorrido no que diz respeito à importância atribuída à psicologia de forma a que seja possível desmistificar e eliminar todos os estigmas criados e entranhados no ideário dos indivíduos no que toca ao recurso ao apoio psicológico. Se estas questões forem alvo de um diagnóstico precoce podem ser resolvidas muito mais rápida e eficazmente antes se tornarem questões verdadeiramente castradoras da vontade e liberdade humanas. Para além disso, a psicologia é ainda uma jovem ciência social em crescimento de depende fortemente da investigação científica e da interdisciplinaridade neste campo”, acrescenta.

Consciente da dimensão humana associada à profissão e missão que ambiciona para o futuro, aplicando o olhar clínico do desenho, a subtileza da poesia e a atenção detalhada da fotografia, traça agora as primeiras linhas de um caminho que passa, daqui a três anos, pelo mestrado em psicologia clínica da UÉ, com um único objetivo: contribuir para a promoção da saúde e do bem-estar dos indivíduos.

crónica

RESISTIR EM PORTUGAL E NO SEU IMPÉRIO, 1500-1850

por **Mafalda Soares da Cunha**¹

[Este artigo é redigido segundo o Acordo Ortográfico de 1945]



Resistências. Insubmissão e revolta no império português é um livro que narra 50 histórias de resistência que tiveram lugar num passado relativamente remoto.

A apresentação dos episódios inclui Portugal e o seu império e segue a ordem cronológica, num arco temporal que abarca três séculos e meio (onze para o século XVI, quinze para o XVII, dezassete para o XVIII e sete para a primeira metade do século XIX). Os textos são curtos e centram-se em torno das ideias-chave de resistência e de diversidade, um mesmo leque de protagonistas – pessoas ou grupos pertencentes a categorias sociais discriminadas –, e uma pergunta comum: como é que a resistência desses indivíduos influenciou nos processos de transformação social?

Para além da diversidade espacial e cronológica, há que destacar a variedade de temas de resistência. O propósito é expor situações mais ou menos contemporâneas, que nem sempre são determinadas por contextos geográficos, sociais ou culturais específicos. A sequência cronológica permite, ainda, surpreender motivações partilhadas por alguns rebeldes, revelando Portugal e o seu império como um espaço onde circulavam tanto leis e formas institucionais, quanto ideias subversivas.

[...] Portugal e o seu império como um espaço onde circulavam tanto leis e formas institucionais, quanto ideias subversivas

crónica

É em relação a estes e a outros contextos mais gerais que neste livro convivem: os moradores dos campos e vilas do Algarve, com os das aldeias indígenas da Bahia, de Cabo Frio e do Rio de Janeiro, e com os negros fujões das montanhas da ilha de Santiago em Cabo Verde; os habitantes de Aljubarrota, com os dos sertões de Benguela, do Congo ou da Macuana, em Moçambique, com os escravizados das embarcações no alto mar atlântico; os cárceres da Inquisição dos renegados e cristãos-novos com os martírios de cristãos em Cuncolim e no Japão às mãos das populações locais; os trabalhadores das obras do convento de Mafra com os cativos das roças de São Tomé, as mouriscas das ribeiras de Setúbal e Lisboa com as donas do vale do Zambeze; as ruas e praças de centros urbanos como Lisboa e Porto, Rio de Janeiro e Salvador, com as vilas da Ribeira Grande e da Praia em Cabo Verde; as revoltas em Tânger e no Porto com as de Vila Rica em Minas Gerais, e as de Ormuz, Ceilão, Goa ou Timor. Ou a mais subtil resistência ocorrida com o abandono de Malaca; as discussões doutrinárias na comunidade cristã da Serra, na Índia; ou os protestos veementes de tantas mulheres cujo estatuto social mais faria prever comportamentos submissos.

Importa, no entanto, salientar que a escolha dos casos não decorreu da importância específica que cada um deles teve no processo histórico, mas sim da constatação de que a resistência foi conduzida por muita gente, cujos nomes não fazem parte da nossa memória colectiva, mas que contribuíram para as

as mudanças sociais relevantes foram protagonizadas por heróis e elites, mas também por pessoas que ficaram anónimas

mudanças sociais e políticas em vários territórios, em diversas cronologias. E esta ideia é que é nova: percebermos que as mudanças sociais relevantes foram protagonizadas por heróis e elites, mas também por pessoas que ficaram anónimas. Deste modo, a observação dos fenómenos de resistência a partir do prisma das categorias sociais desfavorecidas – e, sobretudo, das vozes e acções que, por diferentes razões foram esquecidas - desafia estereótipos bastante difundidos no senso comum. Esta alteração de perspectiva permitiu que os autores escrutinassem os contextos e as motivações de pessoas de categorias sociais tão variadas quanto pessoas cristãs-novas, muçulmanas, judias, mouriscas e escravizadas, mulheres, renegados, populações ameríndias, africanas e asiáticas, mineradores, pescadores, soldados, artesãos ou habitantes de espaços rurais. Ou, como se observa em muitas das narrativas, combinações de membros dessas diferentes categorias.

A proposta para a elaboração deste livro nasceu do interesse da editora LeYa de dar a conhecer as resistências no império português, após ter tido contacto com os doze episódios de resistência no mundo ibérico editados pelo Jornal Expresso (<https://multimedia.expresso.pt/resistentes/>). Tal como os textos publicados no Expresso, também os deste livro, especificamente dedicado ao império português e ao grande público, fazem parte do projecto europeu RESISTANCE: rebelião e resistência nos impérios ibéricos, séculos XVI-XIX (n.778076-H2020-MSCA-RISE-2017) do

qual sou coordenadora e em que o CIDEHUS e a Universidade de Évora são as instituições de acolhimento.

Reunindo uma equipa de mais de cem investigadores de treze instituições universitárias europeias e não europeias, o projecto RESISTANCE tem

como objectivo investigar e produzir conhecimento sobre as formas de resistência protagonizadas por pessoas discriminadas em função do seu género, religião, etnia, raça ou nível de riqueza. Nele procura-se comparar as resistências ocorridas nas metrópoles e nos diferentes espaços coloniais e aquelas que tiveram lugar nas partes portuguesa e espanhola dos impérios ibéricos, num período de observação longo que se estende desde os inícios do século XVI com a colonização em África, Ásia e América, até ao rescaldo das independências americanas na primeira metade do século XIX.

A multiplicidade de casos permite demonstrar ao leitor que as acções de resistência não se limitavam às expressões colectivas e violentas que se desenvolvem no espaço público, embora essas sejam, sem dúvida, aquelas que são mais conhecidas. No intervalo cronológico aqui abrangido, estas resistências públicas eram designadas por um léxico diversificado como motins, sedições, desordens, revoltas, rebeliões, desobediências, sublevações, alvoroços, tumultos, insurreições, alterações, levantamentos, inquietações, perturbações, assuadas ou desacatos e identificavam acções de ruptura ou de infracção à ordem estabelecida. Permitem igualmente desconstruir ideias sobre o carácter pacífico destas sociedades préteritas, fossem elas metropolitanas ou ultramarinas.

o projecto RESISTANCE tem como objectivo investigar e produzir conhecimento sobre as formas de resistência protagonizadas por pessoas discriminadas em função do seu género, religião, etnia, raça ou nível de riqueza

resistir nem sempre implicava oposição aberta às autoridades. Podia-se resistir de forma passiva ou dissimulada, no quotidiano e através de acções individuais

Com efeito, resistir nem sempre implicava oposição aberta às autoridades. Podia-se resistir de forma passiva ou dissimulada, no quotidiano e através de acções individuais. Esses casos incluem as várias expressões de recusa de participação nos ordenamentos político, religioso e social dominantes. Alguns exemplos disso são a deserção do exército, a fuga ao imposto, à escravização ou ao trabalho forçado, o contrabando, os filhos ilegítimos, a prática do concubinato e, ainda, a utilização de quadros normativos alternativos que os historiadores do direito têm vindo a designar por ‘pluralismo legal’. Mas também incluíam outros aspectos menos visíveis como o rumor, o boato, o incumprimento de tarefas ou o absentismo.

Já a resistência cultural visava a preservação das memórias e das identidades das categorias sociais subalternizadas. Incluía manifestações de insatisfação social perante os quadros culturais dominantes e tornava-se visível através dos vários tipos de narrativas escritas, visuais ou sonoras produzida por essas pessoas ou grupos de pessoas. Mas não só. Incluía a manutenção de rituais e cerimónias próprias ou o uso dos idiomas originários, mesmo que, para evitar a repressão das autoridades dominantes, tivessem de ocultar ou disfarçar essas práticas.

As manifestações de resistência não se esgotavam na oposição mais ou menos aberta, pública ou privada, ao sistema vigente. Podia-se também resistir através da negociação e da participação política. Ou seja, o sistema podia ser combatido a partir de den-

tro, através da participação nas instituições políticas e judiciais locais ou reinícolas (câmaras, corporações de ofícios, cortes, tribunais de índios), religiosas (confrarias, paróquias, misericórdias), ou comunitárias (quilombos, mocambos). Resistir podia ser também negociar os diferendos com recurso a cedências mútuas ou a contrapartidas. E a análise destas situações evidencia a negociação como a forma mais habitual na resolução de conflitos.

Como o leitor poderá constatar em muitos dos episódios narrados, os grupos social e politicamente discriminados nem sempre estavam marginalizados dos órgãos de decisão política, nem eram apenas vítimas passivas. Muitos participaram em processos de negociação política com os dominantes, contribuindo, com mais ou menos sucesso, para travar, inverter ou amenizar decisões contrárias aos seus interesses. Tais situações desvendam graus de politização insuspeitos, a capacidade de mobilização e de intervenção política para não dizer mesmo, um conhecimento relevante sobre os meandros políticos. E a leitura atenta destas e de outras acções mostra muitos casos de lideranças rebeldes eficientes e, por vezes, um planeamento cuidado das várias etapas das revoltas.

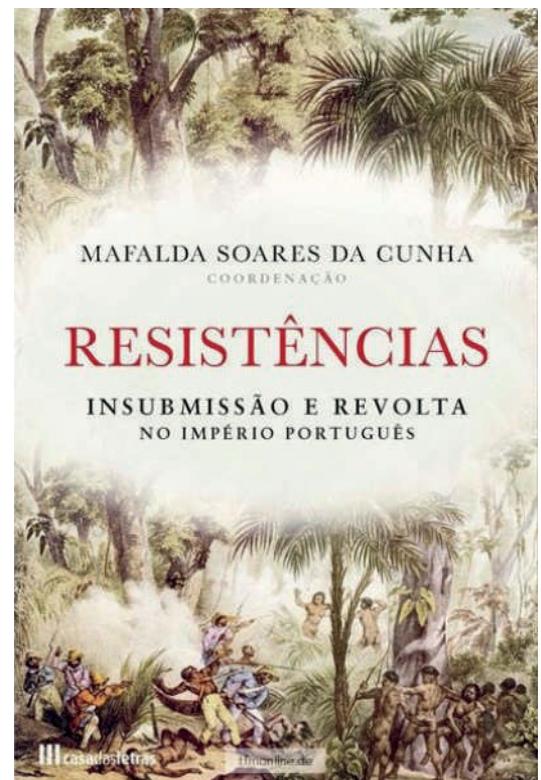
As qualidades organizativas e as capacidades intelectuais dos resistentes não eram facilmente reconhecidas, na época, por quem relatava as desordens e os motins para os centros de decisão, estivessem eles na metrópole ou nos domínios ultramarinos

As qualidades organizativas e as capacidades intelectuais dos resistentes não eram facilmente reconhecidas, na época, por quem relatava as desordens e os motins para os centros de decisão, estivessem eles na metrópole ou nos domínios ultramarinos. O mais habitual era uma exposição dos factos que destacava

a ferocidade e a brutalidade dos sublevados, a imprevisibilidade das suas acções, criando um discurso desqualificador que projectava uma imagem de irracionalidade. E esta desumanização justificava depois a repressão desapiedada por parte das autoridades para restaurar a ordem perdida. Fosse ela a ordem pública terrena ou o caminho da salvação eterna dos cristãos de Roma.

Apenas uma leitura atenta, perspicaz e a contrapelo por parte dos historiadores, permite ir além destes discursos produzidos pelas autoridades, alcançar distanciamento crítico e matizar as visões desqualificadoras das acções e dos ideários de resistência dos desfavorecidos.

Diga-se, por fim, que este livro não seria possível sem a colaboração dos 35 autores a quem agradeço a disponibilidade e a qualidade dos textos. A amizade também, pois tenho a sorte de contar com bons amigos entre eles. O grupo de autores é muito diverso: sendo quase todos académicos, provêm de várias instituições universitárias portuguesas, cabo-verdianas, brasileiras e norte-americanas. Existe diversidade também no grau de experiência de cada um, pois este leque de autores agrega tanto investigadores em fase final dos seus doutoramentos quanto historiadores com carreiras maduras e muito reconhecidas.





¹ Sobre Mafalda Soares da Cunha

Professora de História Moderna no Departamento de História, Escola de Ciências Sociais, da Universidade de Évora. Doutorada em História pela Universidade de Évora é investigadora no Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS). Os seus trabalhos centram-se na história social e institucional de Portugal e do seu império na época moderna, sobre os quais publicou numerosos textos. Entre os seus livros destacam-se “A Casa de Bragança (1560-1640)”, “Práticas Senhoriais e Redes Clientelares” (Lisboa, 2000), a coautoria, com Leonor Freire Costa, de “D. João I” (Lisboa, 2008) ou a coordenação de “Resistências. Insubmissão e revolta no império português” (Lisboa, 2021).

da ué para o mundo

O percurso que Filipe Rocha da Silva começou muito cedo a tecer no mundo artístico já o levou aos quatro cantos do mundo. Na sua expressão enquanto artista, que tem evoluído ao longo de mais de quatro décadas, sempre representou o mundo de forma pouco convencional. No todo da obra ou no mais ínfimo dos pormenores, as suas telas produzem experiências imersivas que assaltam a perceção daqueles que as observam. Retratos, cenas e paisagens são complementadas com multidões de pequenas figuras marchantes, que povoam os seus quadros, numa declarada alegoria com a sociedade contemporânea. Atualmente, situa as suas criações na fronteira entre o desenho e a tapeçaria, uma técnica que apelidou de “desenho têxtil” e que constitui uma herança valiosa da tecelagem tradicional portuguesa, porque apesar de ser um artista inovador e do mundo, Filipe Rocha da Silva leva Portugal além-fronteiras em tudo o que faz.

ENTRE O DESENHO E A TAPEÇARIA







◀ **Pereiras Rocha**

Filipe Rocha da Silva
Bordado a fio lã sobre serapilheira
[140X180cm]
2020

Quando e como despertou para o mundo das Artes, em especial das Artes Plásticas?

A resposta tem três fases: A primeira vez que despertei foi quando desenhava constante e obsessivamente durante a infância. No ensino secundário, perante uma educação artística desajustada e repressiva, esse interesse ficou em suspenso. Mas ressuscitou perante acontecimentos pessoais e culturais extraordinários, quando era aluno da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, que motivaram o volte face definitivo para as artes.

O seu percurso académico levou-o à Sorbonne, em Paris, à FBAUL, em Lisboa, ao Studio Arts College International, em Florença, ao Pratt Institute, em Brooklyn. De que forma esta trajetória contribuiu para a arte que desenvolve e para o artista, investigador e Professor que é hoje em dia?

A internacionalização da minha educação artística foi absolutamente essencial. A educação que se praticava em Portugal nos anos 70 era, e em menor grau infelizmente ainda é, relativamente limitada e insuficiente. Foi noutros países que aprendi muito do que me tem sido útil.

Ao longo da sua carreira trabalhou sempre materiais e técnicas muito diferentes. Como encara essa evolução?

Os materiais e técnicas são importantes, mas conjunturais. São utilizados por vezes até devido a acessibilidades, circunstâncias fortuitas. O essencial e insubstituível é ter ideias claras e um projeto forte.

da ué para o mundo



▲
Filipe Rocha da Silva no seu atelier
[fotografia Ana Margarida Guerreiro]

Como é que, enquanto artista, olha para o processo entre a criação das suas obras até ao momento em que as expõe ao olhar crítico do público?

Ao contrário das tendências mais contemporâneas e de muitos colegas meus, hoje em dia penso muito pouco no público. Acho até que fazem falta mais curadores, para estabelecer pontes entre o artista e o público. Quando acabo uma obra, escondo-a no ateliê, até que, por milagre, possa aparecer num lugar público.

O trabalho que desenvolve é muito minucioso, deve requerer muito tempo e dedicação. É o reflexo de um artista inquieto e insatisfeito ou de um alguém perfeccionista?

Identifico-me bastante com as expressões inquieto e insatisfeito. Perfeccionista, nem tanto, até sou um bocado trapalhão.

Devido ao nível de detalhe, as suas obras têm um carácter muito imersivo e é fácil perdemos-nos nelas. Se inicialmente observamos a obra como um todo, somos depois atraídos por cada detalhe e pormenor. Gosta de olhar para as obras que produz como um convite à contemplação e reflexão?

Sim, absolutamente. Persiste no meu trabalho um lado muito anos 60 ou 70, o período em que acordei para a arte. Tento que as minhas obras sejam muito uma viagem, por vezes um pouco psicadélica, sem o LSD, claro.

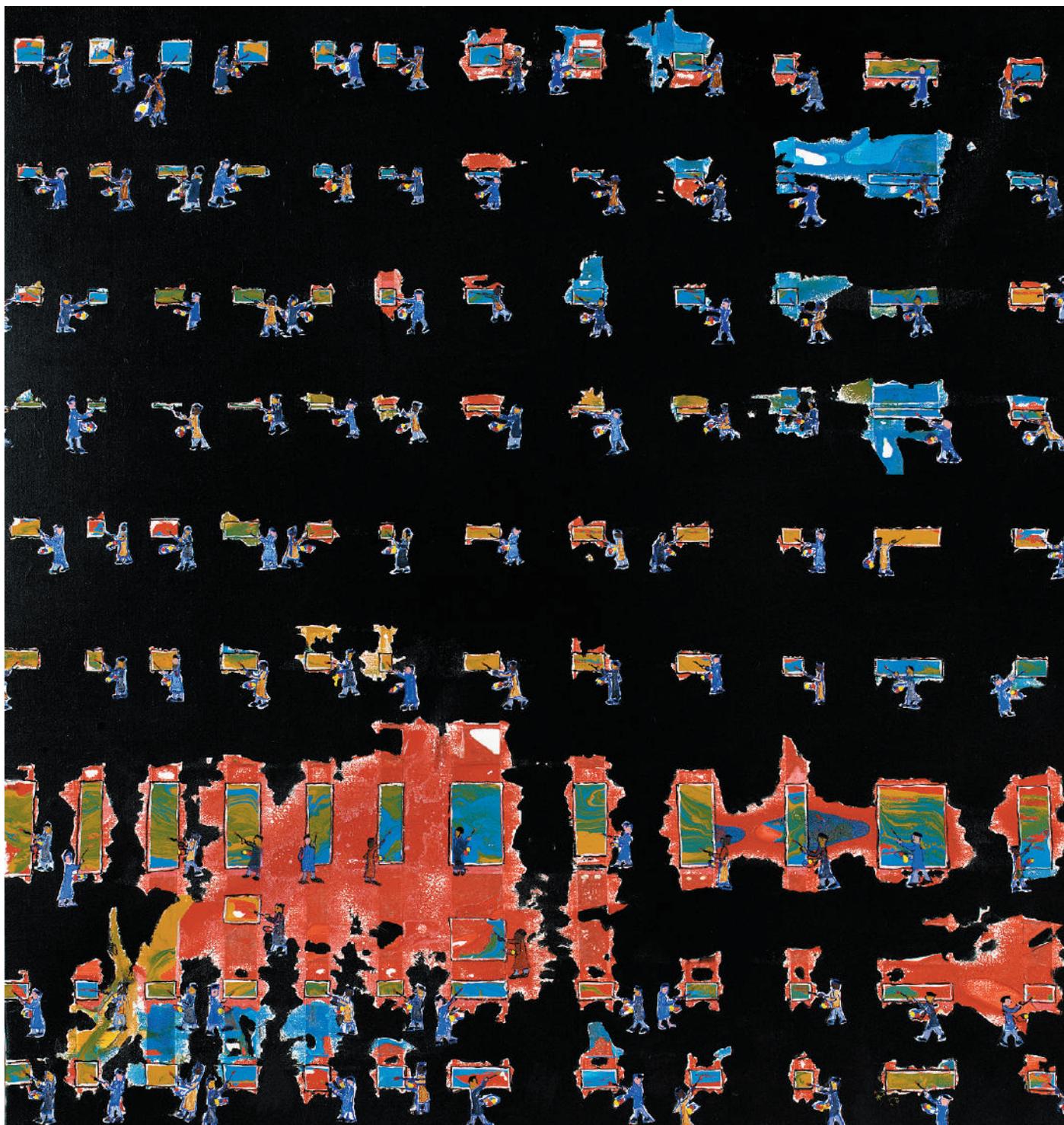
Uma das suas características mais marcantes é precisamente essa atenção à minúcia e ao detalhe. Fale-nos um pouco sobre o pontilhado e as pequenas figuras que povoam o seu imaginário e muitas

das suas obras. Como surgiu essa ideia e o que representa para si?

As pequenas figuras surgiram na fase artística da minha infância, como forma de desenvolver histórias ou conteúdos narrativos simples. Mais tarde, veio o confronto com diversas formas artísticas da história de arte ou contemporaneidade, como o pontilhismo do século XIX, a arte do antigo Egito ou da China, certos artistas dos anos 80, que vieram trazer novos dados a essa espécie de rede, que vinha desde a infância. No âmbito das ideias, esta massa humana faz-me pensar também no mundo e sociedade, com as várias tendências que se movem neste ou naquele sentido.

A complexidade e dinamismo das suas obras são, regra geral, complementadas com muita cor, muitas figuras, criando uma espécie de tecido com um padrão e textura muito particulares. Essa progressão para uma arte mais têxtil foi algo que procurou desenvolver ou que teve origens, por exemplo, nas tradições e artesanato português (Tapetes de Arraiolos, Rendas de Bilros, Lenços dos Namorados)?

Na realidade coloco-me a mim próprio a dúvida se não terá sido determinante para a minha linguagem artística futura o facto de enquanto criança brincar sempre em cima de um tapete de Arraiolos - foram muitas horas de olhos postos sobre aqueles pontos. Enquanto artista adulto, a minha pintura sempre teve muita textura, pequenas linhas entrecruzadas. A certa altura comecei a pensar que era desejável materializar essas linhas de uma outra forma. Aprecio imenso e tenho o culto das boas formas do chamado artesanato, muitas vezes mais fascinante do que obras que são consideradas no universo da arte erudita.



Pintor Gestual

Filipe Rocha da Silva

Óleo e tintas industriais sobre tela de linho [120x120cm], 2001

As suas obras colocam um papel muito ativo no observador e na percepção que este tem. É algo que procura imputar ou que se manifesta naturalmente?

A pintura em geral obriga já a um exercício muito atento e longo de percepção, que aliás torna impossível o uso da intermediação mediática. A observação da pintura tem que ser direta, ao vivo, face a face. No caso das minhas pinturas é muito importante exercer este tipo de observação um pouco zen e, sobretudo, olhar de perto e de longe, visto que as obras se transfiguram totalmente de um para o outro ponto de vista. Neste sentido, são obras muito “impressionistas”, que remetem para a subjetividade do olhar do observador.

Quais foram os principais desafios que encontrou ao longo da sua carreira? Como é que se supera isso e se vinga internacionalmente, numa área com poucos incentivos e apoios?

Foram e continuam a ser muitos os desafios numa carreira que é ainda um pouco marginal do ponto de vista do meio artístico, embora como professor tenha optado pelo status quo que é conferido pela academia, agora a universidade. Tanto em Portugal como internacionalmente a fama e a fortuna artísticas são muito dificilmente acessíveis e por vezes parecem até aleatórias. O essencial é ter uma grande persistência, determinação e também tranquilidade, não receando o insucesso, o esquecimento, nem alimentando grandes expectativas de êxito de curto prazo. A atividade universitária por um lado fornece um rendimento regular que nos torna mais independentes face às pressões e angústias do mercado da arte, por outro lado exige um grande equilíbrio entre aqueles momentos em que é prioritária a produção

artística e aqueles em que o trabalho universitário nos chama. São poucos os que conseguem que esse equilíbrio, quase impossível, seja estimulante. Para a universidade é também indispensável que o docente mantenha prática artística significativa. As artes têm uma série de disciplinas práticas, pelo sou daqueles que pensam que, quem não faz não pode ensinar bem.

Culturalmente, como encara o panorama artístico atual? Considera que a arte, em termos gerais, está empobrecida ou cumpre o papel de refletir sobre a sociedade?

Pergunta difícil. Daquilo que tenho estudado da história acho que a arte está como sempre esteve, muitas injustiças e confusões e também sempre a acontecer muita coisa fascinante. O papel da arte, mais do que refletir, deverá ser mudar a sociedade, começando por si própria. A arte é parte da sociedade, não é uma espécie de um espelho exterior em que a sociedade se possa mirar.

No seu currículo coleciona, em Portugal, obras em exposições como a Gulbenkian, Serralves, o Centro de Arte Contemporânea da Madeira ou o Banco de Portugal. Esse reconhecimento do seu trabalho e valor enquanto artista, em solo nacional, é mais ou menos significativo que as conquistas que tem somado no estrangeiro.

Tenho uma visão do mundo muito global, não distingo aquilo que se passa com a minha obra em Portugal e o que se passa lá fora. Por um lado, é mais fácil ter sucessos em Portugal, mas podemos pensar que tal se deve a jogos de influência exteriores às obras. Por isso é mais saboroso ir mais longe, onde ninguém nos conhece. Tenho tentado fazer isso

da ué para o mundo



▲
Fertility landscape II
[pormenor]
Filipe Rocha da Silva
Bordado a fio lã
sobre serapilheira
[120X161cm]
2016

Livro do Ponto ►
reprodução de obra de Ana Jotta,
Parti chercher du white spirit
(Walter Swennen), 2021.
Edição coordenada por
Filipe Rocha da Silva, Cristina
Barrocas Dias e Susana Pires,
Cortex Frontal



quando posso e, talvez por isso, a única galeria de arte a que continuo ligado é no estrangeiro.

A que projetos se tem dedicado nos últimos tempos?

Por um lado, tenho produzido arte têxtil. As minhas obras demoram muito tempo a fazer e por isso a minha produção é pequena, embora consuma muitas horas. Sou uma espécie de Penélope, estou sempre a adiar a conclusão das obras. Talvez por isso me tenha dedicado ultimamente também um pouco à teoria da arte têxtil e no âmbito da investigação universitária. Recentemente coordenei um livro internacional sobre este tipo de arte, que foi lançado em Arraiolos em outubro de 2021 e que se chama “Livro do Ponto”. Gosto de me sentar com pessoas das mais variadas formações e discutir os mesmos assuntos, de pontos de partida diferentes.

O que é que a Arte trouxe à sua vida e o que espera conseguir deixar ao mundo com o trabalho que tem desenvolvido?

A escolha do território artístico surgiu um pouco por defeito, ou seja, não via nada que pudesse fazer senão arte. Gostaria de fazer futurologia e descobrir o que o mundo vai fazer com aquilo que vou deixar, mas não a sei fazer. O que me parece essencial é fazer coisas diferentes daquilo que outros deixaram, ou irão deixar. Por outro lado, um bom conselho para artistas é procurarem, em vida, dentro das suas possibilidades e conforme a natureza da obra, criar boas condições para a preservação post mortem. Se as obras, ou a sua documentação, não subsistirem, não haverá de certeza impacto nas futuras gerações. Isto



Energúmenos ▶

Filipe Rocha da Silva
Plástico Acrílico e Colagem
[50x30x20 cm]
2007
Exposto na Feira
de Arte de Lisboa

pode incluir logo à partida boas condições materiais de fabricação, promover. Muito a documentação e realização de estudos sobre a obra e, sobretudo, criar condições de armazenamento museologicamente seguras.

Que conselho daria a um jovem aspirante a artista plástico?

Criar condições para produzir arte continuamente, prescindindo, se necessário, dos valores e modo de vida da classe média. Ser quem é, independente e individualista. Olhar para as ideias, mais do que para a técnica. Cultivar a humildade e sacar aos mais velhos, incluindo professores, os conhecimentos que possam ter acumulado. Hoje, arte e cultura são mais bem vistas pela sociedade e, por isso, é possível ganhar algum tempo para desenvolver projetos aproveitando os apoios existentes, que já são alguns.



Sobre Filipe Rocha da Silva

Nascido em 1954, ingressou na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, onde se licenciou em 1980. Dois anos depois, rumou a Nova Iorque para um mestrado no Pratt Institute, e duas décadas mais tarde tira um doutoramento em Artes Visuais, na Universidade de Évora (UÉ), onde exercia a docência desde 1999. No seu percurso académico soma passagens pela Sorbonne, em Paris, e pelo Studio Arts College International (SACI), em Florença e, atualmente, é Professor Catedrático, do Departamento de Artes Visuais e Design, da UÉ. Enquanto artista, já expôs nacional e internacionalmente, possui obras em algumas das mais conceituadas coleções de arte e colaborou com textos em publicações e livros sobre arte.



MARTE NA TERRA?

UMA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA ÀS ILHAS SELVAGENS



◀ Exploração geológica na Ilha Selvagem Grande

pelo geólogo planetário Matteo Massironi da Universidade de Pádua
[Fotografia António Campos | National Geographic Portugal]

Legitimamente designadas de santuário de aves, as Ilhas Selvagens são terra de lendas de piratas e naufrágios, mas também território certificado como “imaculado” que, livre da intervenção humana ao longo da história e com uma extraordinária biodiversidade endémica, é considerado um similar geológico de Marte e um laboratório natural excepcional.

Foi por isso que uma equipa composta por 17 investigadores de sete países fundeou, na segunda quinzena de julho deste ano, na Baía das Cagarras, na Selvagem Grande, defronte para a Estação principal de apoio à Área protegida, para estudar, pela primeira vez, a microbiologia e a mineralogia das grutas vulcânicas terrestres e marinhas das Ilhas Selvagens, um subarquipélago do arquipélago da Madeira.

Reserva Natural desde 1971, este subarquipélago a escassos 175 km das Canárias e a 400 km da Costa Ocidental de África é formado por duas ilhas, a Selvagem Grande e a Selvagem Pequena, envolvidas por um conjunto de pequenos ilhéus e baixios. É o mais longínquo território português, determinando a extensão da plataforma continental de Portugal e um dos poucos redutos selvagens no mundo.

Recolha de amostras de espeleotemas ►

por António Candeias, especialista em Química de Superfícies e Ciências do Património, um dos quatro investigadores da UÉ que integra a equipa do projeto MICROCENO
[Fotografia António Campos | National Geographic Portugal]

Esta não só foi uma expedição pioneira na exploração da biosfera subterrânea, como também inovadora ao nível das técnicas de análise e instrumentação utilizadas. Pela primeira vez a nível mundial foi

Pela primeira vez a nível mundial foi instalado numa ilha remota um microscópio eletrónico de varrimento portátil

instalado numa ilha remota um microscópio eletrónico de varrimento portátil, o Phenom XL G2 da Thermo Fisher Scientific. Conforme nos adianta a investigadora Ana Zélia Miller, “uma operação nunca antes tentada, que ultrapassou os limites

até agora estabelecidos para o desempenho de um microscópio eletrónico” e que efetivamente permitiu “a análise *in situ* de amostras de fragmentos de rocha e espeleotemas recolhidos nas grutas, tendo sido detetada a presença de células de microrganismos e identificados fósseis e minerais”.

Esta expedição científica realizada no âmbito do projecto Microceno: MICRObial bioCENOs in volcanic caves from pristine islands: potential for astrobiology, biotechnology and paleoenvironmental research, liderada por Ana Zélia Miller, investigadora do Laboratório HERCULES da Universidade de Évora (UÉ) e coordenadora do projeto, financiado pela

Fundação para a Ciência e a Tecnologia, contribuiu assim para o conhecimento da biodiversidade mundial e a possível valorização de espécies microbianas endémicas.

As análises de ADN *in situ*, com extração e sequenciação de ADN, permitiram a identificação das espécies de microrganismos procariotas presentes nas amostras recolhidas nas grutas e foi identificada uma grande variedade de bactérias quimiolitotóxicas, as quais são capazes de utilizar minerais como fonte de energia. Estas bactérias são de interesse para a astrobiologia, uma vez que podem servir de modelos para a procura de vida microbiana passada, possivelmente preservada no registo geológico de Marte, em particular nas rochas das grutas vulcânicas do planeta vermelho.

Também se detetaram bactérias que podem ser novas para a Ciência e a exploração espeleológica da ilha levou à descoberta

de uma nova gruta, com 95 m de comprimento, 22 m de profundidade e lagos com água salobra, localizada a Norte da Ilha Selvagem Grande, à qual se deu o nome de “Sopro do Dragão”.

a exploração espeleológica da ilha levou à descoberta de uma nova gruta





◀ **Ana Zélia Miller orienta o cosmonauta Sergei Kud-Sverchkov**

[Agência Espacial Russa], na recolha de amostras para microbiologia na Gruta do Inferno

[Fotografia António Campos | National Geographic Portugal]

As características destas ilhas remotas e a abordagem multidisciplinar desta expedição, combinando microbiologia, mineralogia, geologia, geoquímica, astrobiologia e biotecnologia, revelaram-se de grande interesse para o desenvolvimento de futuras missões de exploração a Marte, razão pela qual investigadores da Agência Espacial Europeia (ESA) e o cosmonauta Sergei Kud-Sverchkov da Agência Espacial Russa (Roscosmos) integraram a equipa.

Como explica a investigadora, “testámos nestas ilhas tecnologia de ponta portátil que poderia ser utilizada em futuras missões a Marte para a exploração de grutas vulcânicas e possível deteção

de vida microbiana passada, entre os quais um equipamento de Fluorescência de Raios X para a caracterização elemental das rochas e minerais e um Electronic FieldBook, desenvolvido pela Agência Espacial Europeia (ESA) e usado no programa do treino de astronautas em grutas para o registo de amostras”.

Numa entrevista à RTP Madeira durante a missão, Francesco Sauro, geólogo da Universidade de Bolonha e especialista em espeleologia, salientou que estas ilhas “são um local remoto, em que podemos encontrar muitas analogias a outros planetas, como Marte, devido à sua geologia específica”. Já sobre o que faz um cosmonauta numa expedição científica, Sergei Kud-Sverchkov elucidou “a minha parte consistiu em adquirir novas competências, neste ambiente que permite simular a exploração de Marte”.

“**testámos nestas ilhas tecnologia de ponta portátil que poderia ser utilizada em futuras missões a Marte**



▲ **Utilização do equipamento portátil de Fluorescência de Raios X**

da Thermo Fisher Scientific para a caracterização elemental de minerais das grutas das Ilhas Selvagens por Nicasio Jiménez Morillo investigador da UÉ [Fotografia António Campos | National Geographic Portugal]

▼ **Análises de ADN *in situ***

Pelas investigadoras da UÉ Ana Teresa Caldeira e Ana Zélia Miller, e Sam Payler da Agência Espacial Europeia Acampamento base, Ilha Selvagem Grande [Fotografia António Campos | National Geographic Portugal]



O impacto científico esperado do projeto MICRO-CENO toca assim áreas tão distintas como a astrobiologia, a exploração planetária, alterações climáticas e a biotecnologia, na medida em que, como avança Ana Zélia Miller, “pretendemos investigar a diversidade e função das comunidades microbianas associadas aos espeleotemas (depósitos de minerais secundários que se formam no interior de grutas como resultado das interações água-rocha) e sedimentos das grutas vulcânicas das Ilhas Selvagens, para compreender que microrganismos crescem nestes ecossistemas prístinos, que estratégias metabólicas utilizam e o seu papel na formação de espeleotemas”.

NO RESCALDO DA EXPEDIÇÃO: O TRABALHO DOS CIENTISTAS

Os resultados iniciais são auspiciosos, mas inicia-se agora uma nova fase de análise em laboratório. A recolha e análise de sedimentos e solos das Ilhas Selvagem Grande, Selvagem Pequena e Ilhéu de Fora permitirão a reconstrução do paleo-clima de ilhas com pouca intervenção humana, e compreender o impacto que estas alterações têm sobre a biodiversidade destas ilhas. Os sedimentos recolhidos poderão servir de indicadores das alterações ambientais ocorridas nas regiões do Atlântico Norte.

Os sedimentos recolhidos poderão servir de indicadores das alterações ambientais ocorridas nas regiões do Atlântico Norte

Esta expedição abre assim caminho à inovação na exploração científica de locais recônditos e ao avanço do estado da arte nestes domínios científicos. Recuperando as palavras do geólogo James Hutton, precursor do Uniformitarismo, “o presente é a chave do passado”.



◀ **Ana Zélia Miller**

Investigadora Responsável do projecto MICROCENO
[Fotografia António Campos | National Geographic
Portugal]

Sobre Ana Zélia Miller

A carreira da investigadora do laboratório Hercules da UÉ está centrada na geomicrobiologia do património natural e cultural, um campo interdisciplinar da ciência que investiga as interações dos microrganismos com os substratos geológicos. Implementou novas abordagens à mistura de microbiologia clássica, biologia molecular, metagenómica, mineralogia e geoquímica, num esforço integrado para compreender a vida microbiana e a minero génese em cavernas vulcânicas das Ilhas Canárias (Espanha), Páscoa (Chile) e Galápagos (Equador), contribuindo, assim, para o avanço no conhecimento das interações geomicrobiológicas, paleoclimas e bioassinaturas preservadas no registo rochoso.

o outro lado

NA DOENÇA CRÓNICA ENCONTROU UM ESTÍMULO, NUNCA UMA LIMITAÇÃO

Tinha apenas 12 anos de idade quando lhe foi diagnosticado diabetes tipo 1¹, numa altura em que ainda pouco se sabia acerca desta doença crónica, que muitas vezes surgia associada a mitos e falsas ideias, fruto do desconhecimento geral. “O choque maior foi para os meus pais, em particular para a minha mãe, pois havia muita falta de informação sobre a diabetes e havia a noção de que esta seria uma limitação grande”, começa por recordar João Valente Nabais, docente do Departamento de Ciências Médicas e da Saúde da Universidade de Évora. “No entanto, encarei a diabetes como algo que tinha que interiorizar e incluir na minha vida, mesmo com todas as restrições que havia nesse tempo”.



KIPSTA



o outro lado

E dessa forma deu início a uma jornada que o tem acompanhado ao longo de toda a vida, numa “relação de amor” com a eterna companheira. “Como em qualquer amor profundo existe compreensão, diálogo, alguma teimosia e onde cada um tem os seus interesses pessoais que não colidem com os interesses conjuntos”, começa por explicar. “Contudo, viver com uma doença crónica acarreta sempre mais rotinas, mais preocupações e mais pressão. Há sempre momentos em que estamos saturados, em que não compreendemos porque a glicemia (valor do açúcar no sangue) está descontrolada e que desligamos das rotinas da diabetes. Por dia, uma pessoa com diabetes tem que tomar dezenas de decisões relacionadas com a mesma, tal como a dose de insulina a tomar, o que comer, quando fazer exercício físico ou como prevenir uma quebra de açúcar no sangue”.

Apesar de todos os desafios inerentes a esta vivência, a diabetes não tem de ser uma limitação. “Quando bem tratada, não é uma barreira! Se aprendermos a viver com, e não para, a doença é mais fácil ter o controlo da mesma. Não devemos modelar a nossa vida à diabetes, mas sim encaixá-la na nossa vida”. E há quem inclusive a encare como uma janela de oportunidade para explorar novos horizontes... “comecei a jogar futebol no Juventude de Évora por causa da diabetes. Quando fui ao médico na Associação Protetora dos Diabéticos de Portugal, logo após o diagnóstico, foi-me transmitido que a prática desportiva era um aspeto importante no tratamento da diabetes.

“ Se aprendermos a viver com e não para a doença é mais fácil ter o controlo da mesma. Não devemos modelar a nossa vida à diabetes, mas sim encaixá-la na nossa vida

Esta foi a porta para a minha entrada no desporto e tem sido uma satisfação imensa conseguir que esta doença não me limite”.

O que começou por ser um recurso terapêutico acabou por se converter rapidamente numa paixão única pelo desporto que o conduziu até ao projeto DiabPT United2, integrando atualmente a equipa de futsal que representa Portugal no Campeonato Europeu para pessoas com diabetes. “A equipa tem crescido muito ao longo dos anos, quer em número de atletas, quer em qualidade, fruto da divulgação que o projeto tem tido e das equipas técnicas que nos acompanharam neste percurso. A comitiva que participou no campeonato de 2019 era composta por elementos de diversas localidades do país com idades entre os 21 e os 50 anos, com diabetes com duração variável entre 2 e 39 anos. Em conjunto

representávamos 150 anos de experiência na diabetes.”

Movidos não exclusivamente por um gosto incansável pelo desporto, mas principalmente por uma causa maior: a de quebrar as barreiras sociais que se construíram em torno à diabetes. “Na competição todas as

equipas participantes querem ganhar. Contudo, todos temos algo que nos une: desmitificar a diabetes. Este elo comum dá a este campeonato características únicas de camaradagem, empatia e desportivismo. Lembro-me de, em 2019, no jogo para atribuição dos 3.º e 4.º lugares, as equipas portuguesa e croata terem entrado juntas em campo e cantado os hinos com elementos alternados das duas seleções.



▲
DiaEuro 2019, Kiev (Ucrânia)

No alinhamento antes do jogo de atribuição de 3.º e 4.º lugares as equipas Portuguesa e Croata decidiram misturar os elementos para cantar os respetivos Hinos, mostrando que há uma causa comum que os une e que este campeonato, para além de uma competição dura e muito competitiva, é também um momento de partilha e de amizade. [fotografia Ineska Jakopanec, o elemento da equipa Croata encarregue das redes sociais. A Ineska tem diabetes e é uma jovem ativista]

Representar Portugal neste campeonato europeu é algo indiscreto, que nos marca profundamente, e que fica no nosso coração para sempre!”

Numa competição exigente como o é o DiaEuro, que engloba a disputa de 6 jogos em dias consecutivos, é fundamental considerar o desgaste físico dos atletas e o seu impacto na diabetes. “E a complexidade é ainda maior no futsal ao ser uma modalidade que imprime um ritmo muito elevado e onde os jogadores podem jogar muitos minutos ou permanecer no banco, sendo assim difícil antecipar o gasto energético. Para que não haja limitações é preciso ter alguns cuidados extra nos treinos e jogos, como por exemplo o de verificar o valor da glicemia antes, durante e

depois da prática desportiva. Para isso, usamos um medidor de glicemia, que faz esta análise numa gota de sangue capilar extraída de um dedo ou um sistema de medição contínua da glicémia no líquido intersticial. Precisamos também de pensar em que alimentos ingerir e qual a dose de insulina a tomar para que o treino ou jogo decorram sem problemas. O desempenho desportivo é otimizado quando existe um equilíbrio nestes fatores que também leva a um controlo metabólico adequado da diabetes. Aspeto fundamental é evitar ter hipoglicemias (quebra de açúcar no sangue) e ter sempre algo para tomar quando isso acontece, como por exemplo açúcar, um sumo ou gel açucarado. O uso dos sensores contínuos é uma pre-



ciosa ajuda pois estes possuem um conjunto de alarmes que são acionados quando a glicemia sobe ou desce muito! Para além disso permitem visualizar a evolução da glicémia ao longo do dia e, em particular, durante a prática desportiva. Isto permite melhorar o controlo da diabetes e a performance desportiva”

«A Diabetes motiva-nos a chegar mais longe», é este o lema que guia a equipa portuguesa, e que recorda que aquela que podia ser uma limitação foi facilmente transformada num motor que desafia e que motiva a ir mais além, jogo a jogo e dia a dia. E é também fora das quatro linhas dos palcos europeus que João Valente Nabais tem procurado dar o seu contributo para tentar melhorar a vida das

pessoas com diabetes. É Vice-Presidente da Federação Internacional da Diabetes desde 2019, cargo no qual tem desenvolvido ações que visam o empoderamento dos jovens com esta doença crónica. “Acredito profundamente que este é o caminho de sucesso para o futuro! Temos que dar formação e treino aos jovens para que se tornem embaixadores da diabetes e líderes nas suas organizações, contribuindo, assim, para que a próxima geração seja melhor, mais bem preparada e mais capaz”.

Num ano em que se celebra o centenário da descoberta da insulina importa recordar a importância social que a investigação científica ocupa na melhoria da qualidade de vida de pessoas com diabetes.

◀ **DiaEuro 2019, Kiev (Ucrânia)**

Equipa que representou Portugal. A comitiva foi composta por elementos de diversas localidades do país, nomeadamente área Metropolitana de Lisboa, Évora, Mirandela, Caldas da Rainha, Águeda, Viana do Alentejo e Loulé. Os jogadores têm idades entre os 21 e os 50 anos e todos têm diabetes tipo 1 com duração variável entre 2 e 39 anos, sendo tratados por injeções diárias de insulina ou por bomba perfusora de insulina.

“Para as pessoas com diabetes tipo 1, nas quais o pâncreas deixou de produzir insulina, esta descoberta significou a vida! Antes da descoberta da insulina a diabetes era uma sentença de morte, só adiada pelo recurso a uma dieta muito rigorosa e que colocava as pessoas em fome. Esta dieta permitia prolongar a agonia durante alguns meses, nada mais do que isso. Há cerca de 40 anos eu utilizava uma seringa de vidro que tinha que estar imersa em álcool, e ser seca a uma lamparina antes da administração da injeção, e uma insulina com um perfil de ação não ajustado às minhas necessidades. Hoje, uso um sistema automático de perfusão de insulina (a chamada bomba de insulina), que está conectada a um sensor contínuo de glicemia, e uma insulina ultrarrápida.”

A descoberta da insulina foi um marco memorável no tratamento da diabetes que tem permitido dar mais autonomia às pessoas com esta doença crónica, no entanto, atualmente, em pleno século XXI, e após cem anos deste acontecimento que se viu traduzido num Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia para a equipa de investigação, ainda são inúmeros os desafios que existem pela frente e que passam principalmente por “tornar acessível a todas as pessoas os



▲ **Seringa de vidro que tinha que estar imersa em álcool e ser seca a uma lamparina**
[fotografia João Nabais]

meios de tratamento e os fármacos adequados. Existem grandes desigualdades entre países, e em alguns casos de região para região dentro do mesmo país, por exemplo, no acesso à insulina ou a meios tecnológicos mais avançados para tratar a diabetes.”

E é precisamente em janeiro de 2022, ano em que se celebra o centenário da descoberta da insulina, que a Universidade de Évora acolhe a exposição itinerante intitulada “Uma visita à História da Diabetes no Centenário da Descoberta da Insulina”, que estará em permanência durante duas semanas.

o outro lado



▲ **Evolução histórica (a história de João Nabais) dos sistemas de administração de insulina, desde a seringa de vidro, que usava em 1981, até à bomba da insulina, que usa hoje em dia**
[fotografia João Nabais]

¹ Existem diabetes do tipo 1, tipo 2, gestacional e outros tipos que ocorrem com menor frequência. A diabetes do tipo 1 é uma doença crónica que se desenvolve quando o pâncreas deixa de produzir a insulina de que o corpo necessita, o que provoca um incremento dos níveis de açúcar no sangue. Enquanto a diabetes tipo 2 se caracteriza pela resistência à insulina e é provocada predominantemente por hábitos alimentares pouco saudáveis e sedentarismo, entre outros fatores. Por outro lado, a diabetes gestacional diz respeito ao aumento da resistência à ação da insulina na gestação, o que conduz ao aumento dos níveis de glicose no sangue diagnosticado pela primeira vez na gestação.

² O projeto “DiabPT United” foi criado em 2012 pelo Núcleo Jovem da Associação Protetora dos Diabéticos de Portugal (NJA) com o intuito de promover a partilha de experiências de pessoas com diabetes na prática de exercício físico e para desmistificar a diabetes nas suas diversas vertentes. A Associação de Jovens Diabéticos de Portugal (AJDP) juntou-se desde o início e desde então ambas têm cooperado neste projeto comum do qual resultou a formação de uma equipa que tem representado Portugal no Campeonato Europeu de futsal para pessoas com diabetes, designado de DiaEuro, com periodicidade anual, no qual a equipa portuguesa marca presença desde 2013.



Sobre João Valente Nabais

Licenciado em Química Tecnológica pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e doutorado em Química pela Universidade de Évora, João Valente Nabais é atualmente Professor Associado com Agregação do Departamento de Ciências Médicas e da Saúde da nova Escola de Saúde e Desenvolvimento Humano da UÉ e membro integrado do Comprehensive Health Research Center (CHRC). Desempenha ainda funções no Conselho Geral, na Comissão de Ética e no Conselho Editorial da Imprensa também na UÉ, instituição na qual já ocupou diversos cargos como Pró-Reitor para a Cooperação com a Comunidade (2013-2014), Presidente da Assembleia de Escola da Escola de Ciências e Tecnologia (2015-2018) e Diretor do Departamento de Química (2011-2013).

É Vice-Presidente da Federação Internacional da Diabetes (2019/2022), integra o grupo de trabalho Patients' and Consumers' Working Party da Agência Europeia do Medicamento, é membro do Conselho Consultivo da Entidade Reguladora da Saúde e da Comissão de Ética para a Investigação Clínica. Autor de 60 artigos em revistas nacionais e internacionais, três patentes e com participação em 17 projetos.

na primeira pessoa

FREDERICO E A PLANTA MARAVILHOSA

DA INVESTIGAÇÃO AO CONTO INFANTIL



▲
Sara Albuquerque

Tudo começou quando estava a fazer a minha licenciatura em Biologia na Universidade de Évora, na altura o último ano correspondia ao Trabalho de fim de curso. Assim, estagiei no Herbário LISU do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa (MUHNAC, UL), onde tive a fantástica oportunidade de trabalhar com a coleção histórica de Welwitsch, o herbário da expedição africana *Iter Angolense*. Ao longo do estágio, percebi que para além do valioso herbário ainda existia documentação associada à expedição, nomeadamente desenhos, notas, mapas e cartas. O meu interesse por esta cole-

ção crescia todos os dias e sentia-me uma detetive a elaborar um puzzle gigante. Mais tarde, tive a oportunidade de fazer um estágio Leonardo da Vinci nos Jardins Botânicos de Kew, em Londres, e como sabia da existência de arquivos relacionados com Welwitsch em Kew e no Natural History Museum (NHM) desenhei um projeto para investigar estas fontes, de modo a completar o puzzle. No NHM encontra-se a maior parte da documentação de Welwitsch relacionada com o *Iter Angolense*, inclusivamente os cadernos de campo do naturalista.

Como nasce a história de Frederico e a Planta Maravilhosa?

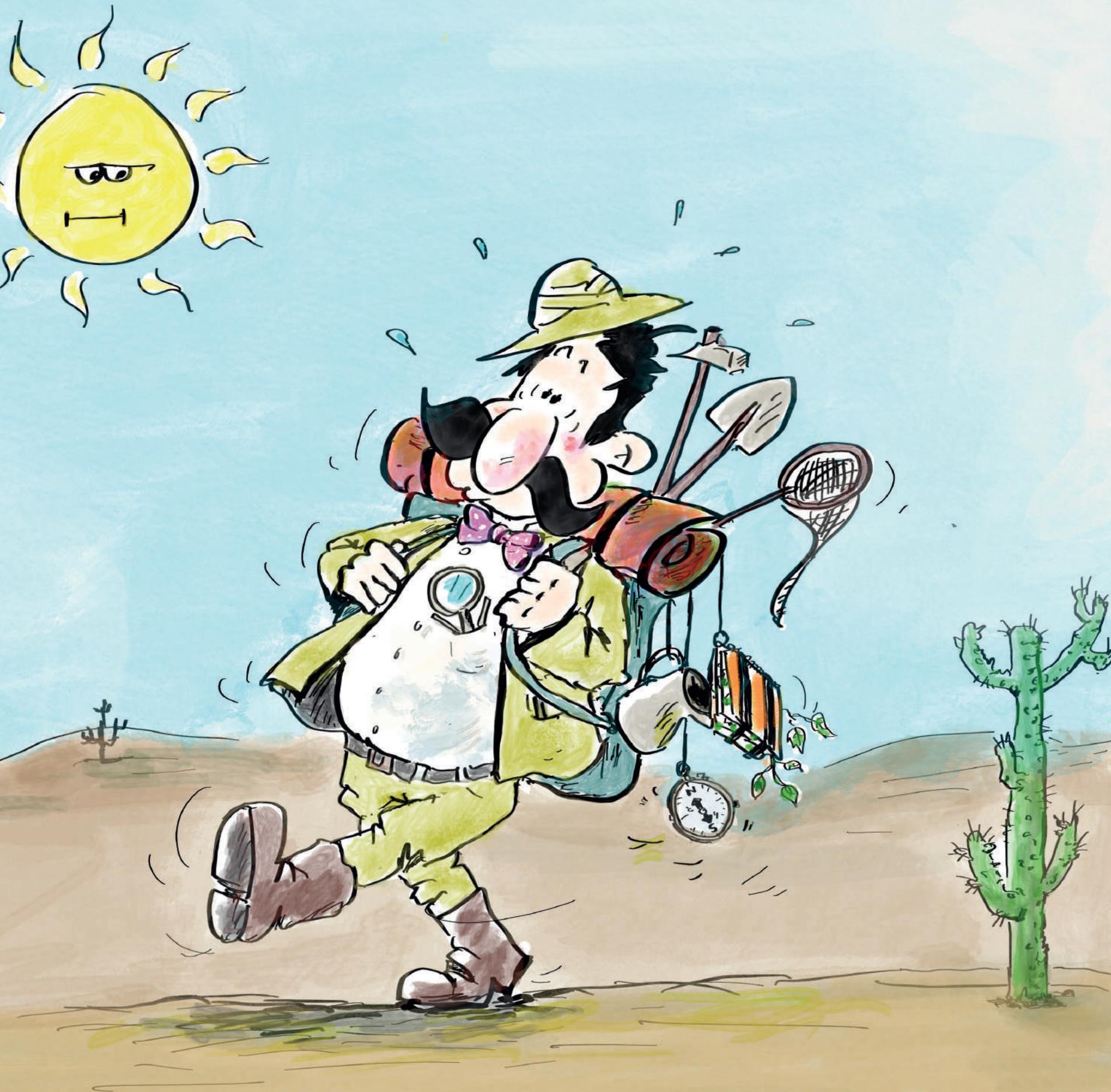
Esta história nasce da imaginação de um encontro que aconteceu de verdade, um encontro entre o naturalista Frederico Welwitsch e Tumboa, uma planta do deserto do Namibe, que mais tarde foi denominada de *Welwitschia*.

Durante vários anos, estudei desenhos, aguarelas, diários, mapas e escritos antigos deste botânico. Encontrei as notas do diário de Frederico, no dia em que encontrou a planta do deserto pela primeira vez e que estão depositadas no MUHNAC, UL. Percebe-se que nesse momento Frederico ficou muito entusiasmado, pois a sua escrita é quase indecifrável. A planta *Welwitschia* tem um património imenso relativamente a nomes locais, mas nesta história o nome Tumbo destaca-se pois foi o nome encontrado nas notas originais do naturalista. Nestas notas, descreve-se a planta do deserto pela primeira vez, onde é proposto o nome de Tumboa, pois segundo os escritos, Tumbo ou N'Tumbo eram os nomes dado pelas populações locais no século XIX.

É de referir que os autores do livro respeitam e são sensíveis à riqueza de histórias de Angola, e que envolvam particularmente a planta do deserto - *Welwitschia*. No entanto, neste projeto, optou-se por escrever uma história em que se evidenciasse as características da planta bem como o vislumbre do encontro com o naturalista.

O livro infantil “Frederico e a planta maravilhosa” resultou assim dos vários anos de pesquisa em arquivos nacionais e internacionais. Esta história explora as características da planta maravilhosa - *Welwitschia* - que sobrevive desde o tempo dos dinossauros, vive em condições extremas, mas que se conseguiu adaptar ao clima do deserto do Namibe em Angola.



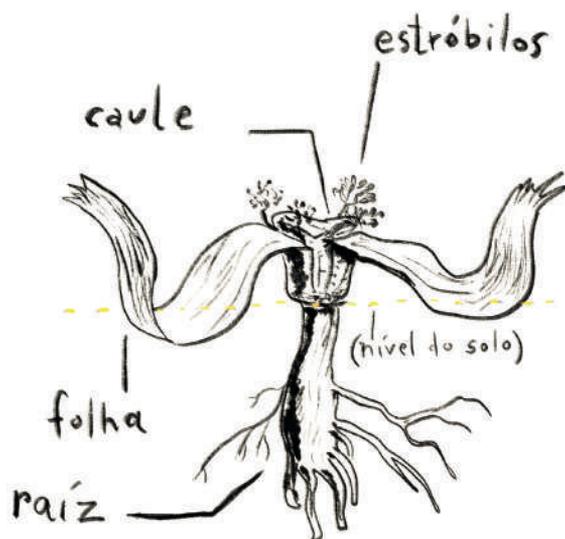






Para além de revelar o encontro do naturalista e da planta, o livro também explora o tema da amizade e como por vezes precisamos de um outro olhar para nos mostrar o que está à frente dos nossos olhos e que não estamos sozinhos, nem mesmo no deserto. Pretende-se assim a disseminação científica para a esfera pública através de uma forma lúdica e divertida, sensibilizando as crianças (e famílias) sobre uma planta estranha que existe no deserto. Tratando-se de um livro infantil não poderia deixar de ter desenhos, por isso, este livro conta também com as ilustrações de Ricardo Roque, antropólogo e investigador do ICS (Instituto de Ciências Sociais).

E quem foi Frederico? Frederico ou Friedrich Martin Joseph Welwitsch (1806–1872), médico austríaco e botânico ao serviço da Coroa Portuguesa, foi enviado para África, mais especificamente para as possessões angolanas, entre 1853 e 1860. Esta expedição tinha como objetivo coletar informação relativa a plantas, animais, minerais, entre outros, que mais tarde seria usada para análises científicas, publicações e relatórios, de modo, a determinar seu potencial económico. A 3 de setembro de 1859, Welwitsch foi o primeiro europeu a descrever a famosa planta do deserto do Namibe, mais tarde denominada de *Welwitschia mirabilis*, por Joseph Hooker, diretor dos Jardins Botânicos de Kew. Para além da *Welwitschia*, durante a sua expedição, Welwitsch coletou cerca de 5.000 espécies de plantas, das quais 1.000 eram novas para a ciência.



Porquê planta maravilhosa?

A planta maravilhosa é a *Welwitschia mirabilis*, uma planta endémica do deserto do Namibe (Angola e Namíbia), também chamada de polvo-do-deserto

pela forma das suas folhas, que podem alcançar os quatro metros. Para além disso, tem somente duas folhas com crescimento contínuo, por isso não param de crescer. Esta estranha planta do deserto suscitou bastante interesse na comunidade científica, por reunir características de plantas muito diferentes que se encontravam numa planta só. Por esta razão, Darwin denominou-a de ornitorrinco vegetal, por ter como parente mais próximo o pinheiro e também características fisiológicas de plantas suculentas.

Ilustrações
Ricardo Roque



Sobre Sara Albuquerque

Bióloga e doutorada em História da Ciência, é investigadora no Instituto de História Contemporânea - Pólo da Universidade de Évora. Ao longo das suas investigações passou incontáveis horas entre arquivos, herbários e coleções de objetos. Cedo conheceu e se encantou pelas coleções de Welwitsch. Entre desenhos, plantas secas, mapas, notas e diários que estudou nasce esta história: o encontro entre uma planta do deserto e o naturalista Frederico.

laboratório vivo

No rescaldo da COP26, a 26ª Cimeira do Clima da ONU e na senda da ação do Acordo de Glasgow, falámos com Helena Adão, bióloga marinha e investigadora do MARE, Pólo da Universidade de Évora, que nos avançou os mais recentes resultados da expedição oceanográfica M162 Gloria-Flow que se realizou em 2020, integrada numa equipa internacional, multidisciplinar, de vinte e sete cientistas, com o objetivo de estudar a “Falha Glória”.

UMA EXPEDIÇÃO À FALHA GLÓRIA

EXPLORAR O INEXPLORADO OCEANO ABISSAL



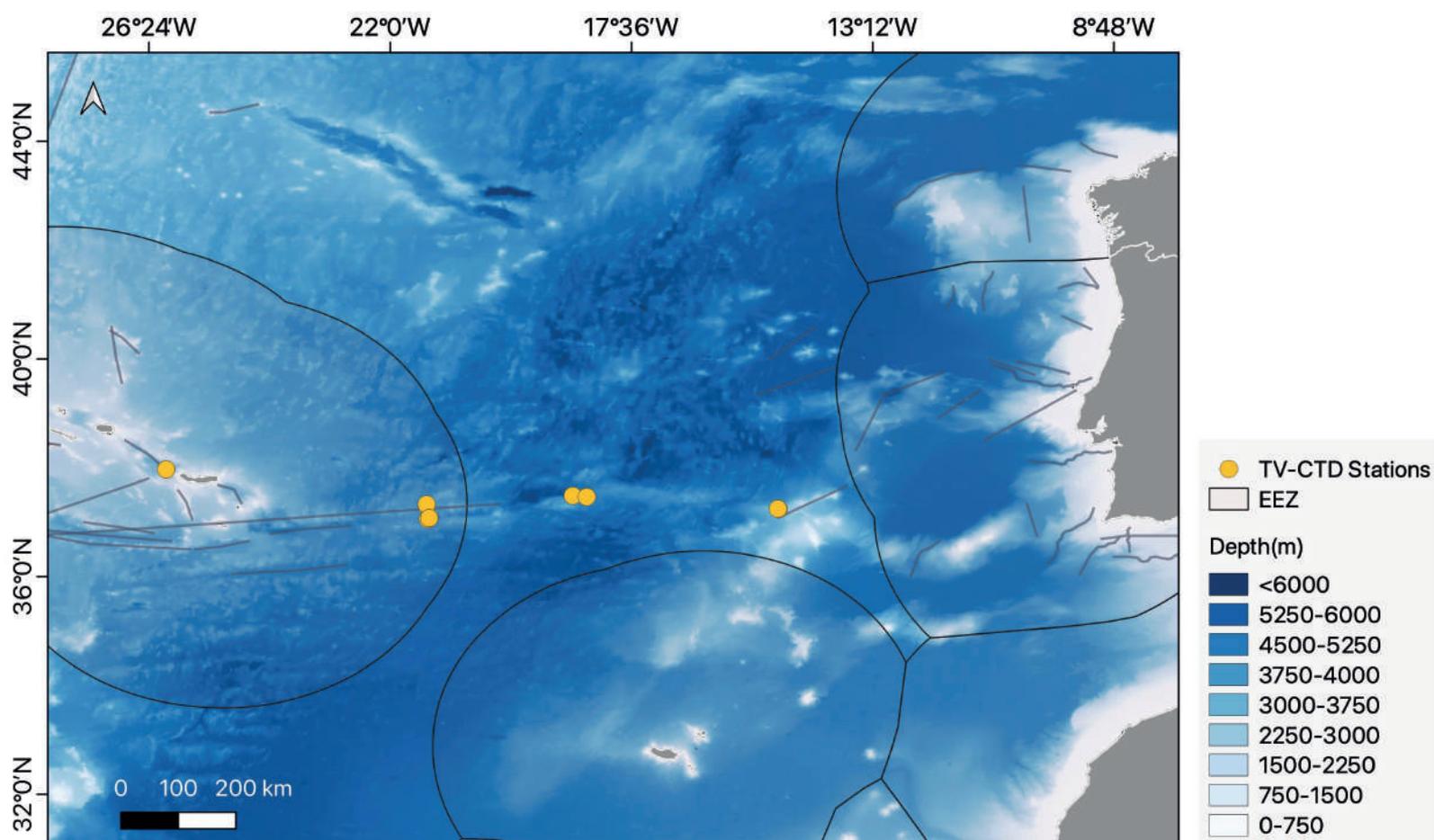


laboratório vivo

Equipa da expedição oceanográfica ►

M162 Gloria-Flow

A bordo do navio oceanográfico METEOR



▲

Falha Glória corresponde a uma extensa falha geológica do Atlântico Nordeste, que se estende desde o final do rifte da Terceira, nos Açores e se prolonga até a Estreito de Gibraltar. Tem cerca de 1000 km de expressão morfológica no fundo do mar, sendo que os processos tectónicos que aí decorrem estão relacionados com grandes sismos e tsunamis, como os que ocorreram em 1755 e em 1969.



A bordo do navio oceanográfico alemão ME-TEOR, a equipa liderada por Christian Hensen, investigador do Helmholtz Centre for Ocean Research Kiel (GEOMAR) conduziu o primeiro estudo sistemático sobre a “Zona de Fratura Açores-Gibraltar”, tendo sido a primeira vez que se recolheu um conjunto de dados geológicos, geofísicos, geoquímicos e biológicos neste segmento inexplorado desta falha oceânica.

Também conhecida por “Falha Glória” corresponde a uma extensa falha geológica do Atlântico Nordeste, que se estende desde o final do rifte da Terceira, nos Açores, e se prolonga até a Estreito de Gibraltar. Tem cerca de 1000 km de expressão morfológica no fundo do mar, sendo que os processos tectónicos que aí decorrem estão relacionados com grandes sismos e tsunamis, como os que ocorreram em 1755 e em 1969.

De facto, o Oceano é o maior habitat do nosso planeta, mas ainda em grande parte inexplorado. Cobrindo mais de 70% da superfície da Terra, o Oceano absorve parte das emissões de dióxido de carbono (CO₂) e mais de 90% do excesso de calor criado pelos gases com efeito de estufa. Alberga cerca de um milhão de diferentes espécies de plantas e animais, até dois terços dos quais não foi ainda identificado e descrito.

Tema central da COP26, as alterações climáticas representam, de facto, grandes desafios para o Oceano, desde o aumento de ondas de calor marinhas ou a acidificação e mudanças nos padrões de funcionamento dos ecossistemas marinhos, entre outros, com impactos óbvios na biodiversidade e distribuição das espécies. Ricardo Serrão Santos, Ministro do Mar, no Dia de Ação do Oceano da COP26 defendeu que “é crucial mobilizar meios financeiros e promover uma governação baseada no conhecimento científico”, realçando a importância do nexos oceano-clima.

Tal como a Gloria Flow, numerosas expedições científicas oceanográficas contribuem diariamente para o avanço do conhecimento sobre o Oceano e consequentemente para a sua proteção e mitigação dos efeitos das alterações climáticas. A neutralidade carbónica, meta assumida por Portugal para 2050, significa garantir que, para todos os gases emitidos, se está a remover a mesma quantidade da atmosfera. Recuperando as palavras de esperança de David Attenborough na Cop26 “We are after all, the greatest problem solvers that have ever existed on Earth. We now understand this problem; we know how to stop the number (concentration of carbon on our atmosphere) and put it in reverse”.

laboratório vivo



▲ ►
Lixo marinho encontrado ao longo de todas as áreas de estudo, mais precisamente 50 itens deste tipo de resíduos, predominantemente plásticos



Com recurso a equipamentos de ponta, a equipa da Gloria Flow examinou, em março de 2020, os cerca de mil quilómetros desta extensa falha geológica do Atlântico, observando-se, inclusive, lixo marinho ao longo de todas áreas de estudo, mais precisamente 50 itens deste tipo de resíduos, predominantemente plásticos de diversos tipos, mas também redes de pesca, garrafas de vidro e latas de metal, com maior densidade identificada na proximidade do “Complexo Geológico Madeira-Tore”, possivelmente com origem nas atividades relacionadas com a indústria da pesca e nos corredores de tráfico marítimo entre o Mediterrâneo e o Atlântico Norte.

Conforme relata a investigadora Helena Adão “não foi surpreendente encontrar evidência da perturbação humana na nossa área de estudo, uma vez que as atividades do ser humano podem ter impacto até nas zonas mais profundas dos nossos oceanos, como a Fossa das Marianas a 11 km de profundidade, no Oceano Pacífico, onde já foi possível observar quantidades de plástico e cabos submarinos”.

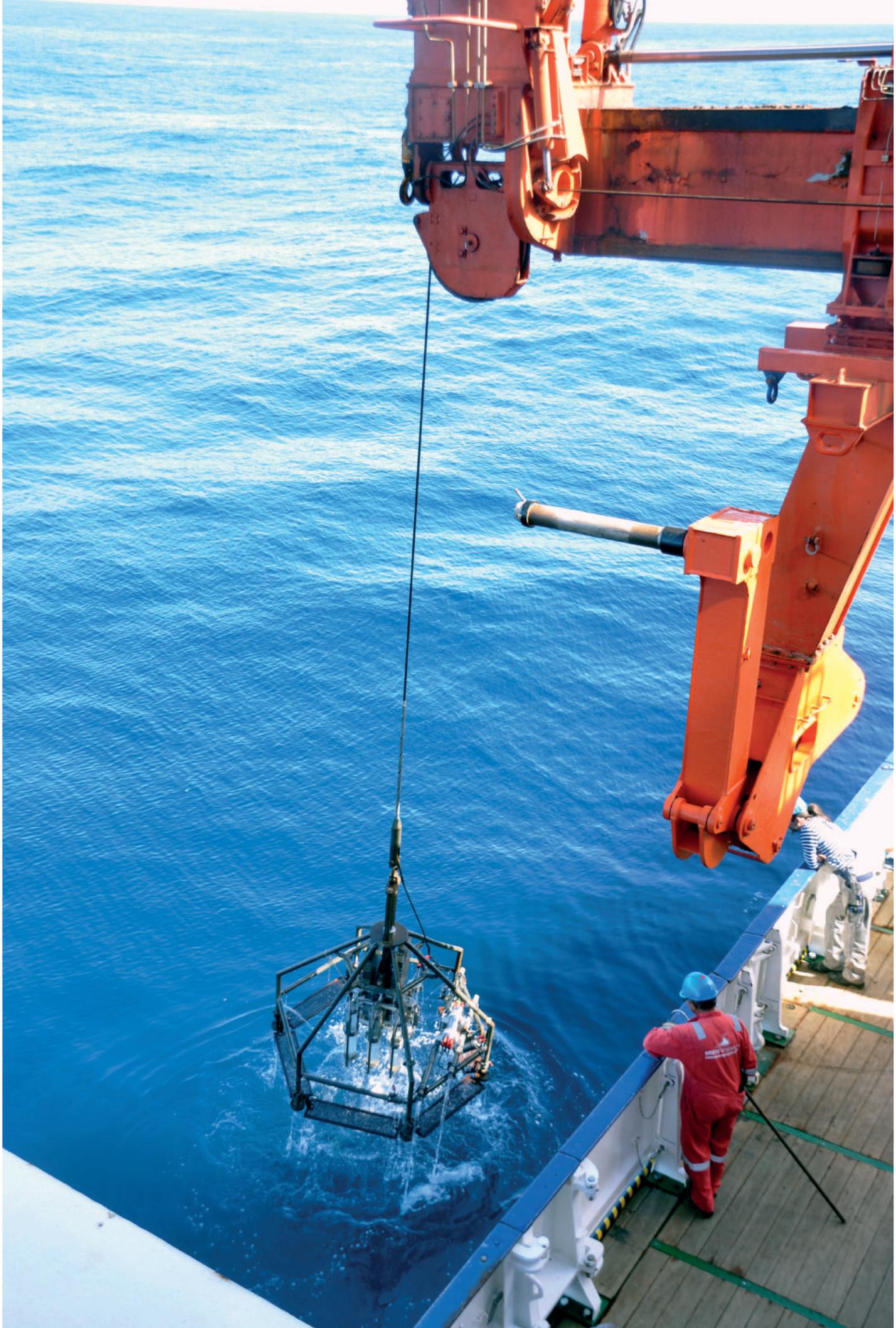
Sendo uma expedição multidisciplinar, pretendeu-se abranger para além dos processos geológicos que interferem na circulação de fluídos ao longo da Falha Glória, as interações geosfera-biosfera-hidrosfera. “As zonas de fratura oceânicas são locais que se caracterizam pela existência de circulação de fluídos na crosta oceânica” descreve a investigadora, estando essa circulação associada, como explica, “a processos de elevada relevância de natureza biogeoquímica que tem estruturado a formação de ecossistemas de grande profundidade e que apesar da ausência da luz caracterizam-se por possuírem comunidades biológicas de elevada abundância e diversidade”.

A equipa a bordo procurou zonas ativas de libertação de fluídos ao longo deste território submerso, a fim de identificar a origem desses fluídos e os processos geoquímicos associados, bem como evidências da existência de ecossistemas quimiossintéticos ao longo do sistema da Falha e identificar as comunidades de organismos bentónicos que vivem associados aos sedimentos amostrados.

O estudo permitiu delinear a distribuição espacial das comunidades de meiofauna e megafauna ao longo dos sectores abissais da Zona de Fratura da Gloria (NE, Atlântico), caracterizadas por possuírem elevada heterogeneidade de condições ambientais o que se reflete na composição e diversidade das comunidades aí existentes. A análise da abundância e composição das comunidades de megafauna mostrou que a profundidade influencia mais as comunidades biológicas do que qualquer outro fator ambiental. As estações de amostragem próximas dos Açores e em particular no rifte da Terceira apresentam elevada diversidade comparado com as zonas mais profundas e nestas, podemos verificar, que os peixes e os equinodermes são mais comuns.

PORQUÊ ESTUDAR AS COMUNIDADES DE MEIOFAUNA?

“Quando nos referimos a comunidades de meiofauna esta consiste em pequenos organismos com o tamanho entre os 32 e 1000 μm , que vivem nos pequenos espaços intersticiais dos sedimentos aquáticos, desde lagos de montanha até aos sedimentos marinhos de grande profundidade” explica Helena Adão. O reconhecimento da importância da



◀ **Multicorer**

Munido de uma câmara de vídeo e várias máquinas fotográficas, permitiu aos investigadores selecionar e registar os habitats e as amostras

meiofauna é muito recente e deve-se principalmente à necessidade de desenvolvimento de indicadores ecológicos para a conservação dos fundos oceânicos, que permitam monitorizar a influência da exploração de recursos naturais nos ecossistemas marinhos.

Os diferentes organismos aqui presentes possuem elevada representação na biodiversidade “e têm um papel determinante no funcionamento e integridade dos ecossistemas marinhos e estuarinos devido à sua posição funcional na teia trófica” acrescenta a investigadora. Recentemente tem sido reconhecido o seu papel como “comunidade modelo” para a compreensão dos processos de ecologia marinha em diferentes habitats particularmente no mar profundo. Numerosos estudos têm sido desenvolvidos, com o objetivo de avaliar as respostas destas comunidades a alterações ambientais, como por exemplo os impactos dos equipamentos de exploração mineira dos fundos marinhos ou os efeitos de dragagens.

E AFINAL, O QUE FAZEM OS CIENTISTAS A BORDO DE UMA EXPEDIÇÃO OCEANOGRÁFICA?

Foram várias as tarefas a bordo do METEOR, com a equipa de cientistas a descrever e a interpretar os eventos registados nos sedimentos, a proceder a medições de parâmetros como o oxigénio dissolvido ou o hidrogénio, e a recolher a água intersticial para o estudo da composição química. O Multicorer, munido de uma câmara de vídeo e várias máquinas fotográficas, permitiu aos investigadores selecionar e registar os habitats e as amostras. Essencial foi avaliar a crosta oceânica profunda, conseguida através de sistemas acústicos de prospeção, medição de propriedades térmicas e a captação de imagens e de





Amostragem de sedimentos em profundidade realizada através do lançamento de um “core” de gravidade, subindo a bordo um cilindro de sedimentos para estudo interdisciplinar

amostragem de sedimentos e fluídos, recorrendo a métodos diretos e indiretos que permitiram atingir os objetivos científicos definidos.

Helena Adão mostra a importância das várias técnicas e metodologias, “através do sistema hidroacústico de prospeção (Multibeam e Parasound) efetuamos o mapeamento batimétrico do fundo do oceano. Para a medição das propriedades térmicas, uma sonda com cerca de 6 metros de comprimento designada por “Giant Heat Flow Probe” mostrou-se fundamental para determinar os gradientes de temperatura, enquanto o “Video Guided Water Sampler Rosette” tornou possível a recolha de amostras relativas à coluna de água. A amostragem de sedimentos em profundidade foi realizada através do lançamento de um “core” de gravidade, “subindo a bordo um cilindro de sedimentos para um estudo interdisciplinar” acrescenta Helena Adão.

Aos investigadores Pedro Nogueira, professor do Departamento de Geociências da Universidade de Évora e investigador do Instituto e Ciências da Terra (ICT), conjuntamente com Pedro Terrinha, da Divisão de Geologia e Georrecursos Marinhos do IPMA e investigador do Instituto Dom Luiz, conta a investigadora “coube a descrição macroscópica e interpretação das 45 “cores” de gravidade a profundidades entre 3200 e 5300 metros, recolhidos ao longo de cerca de mil quilómetros da fratura Açores-Gibraltar”.

PÓS-EXPEDIÇÃO OCEANOGRÁFICA: A ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS

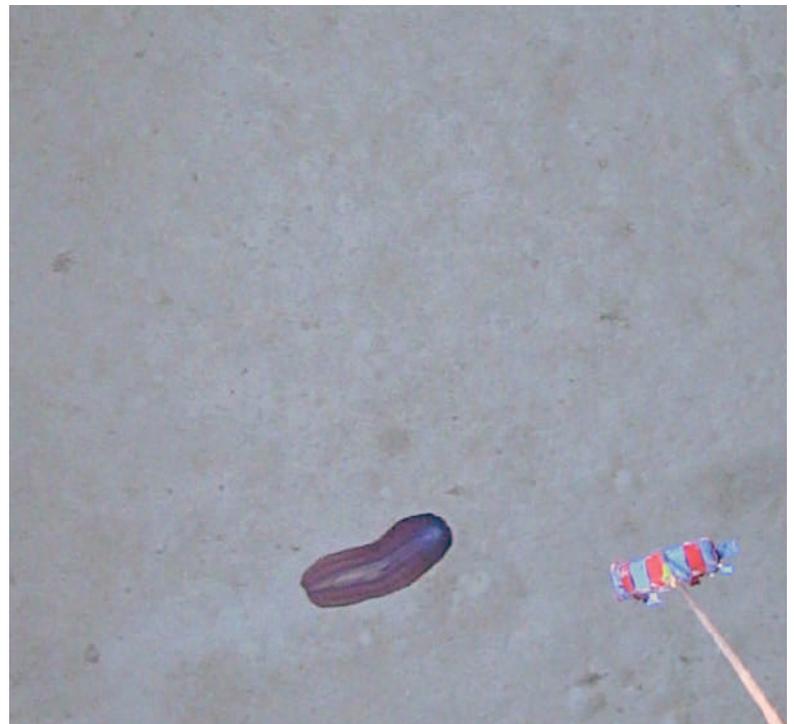
Já de regresso a terra firme, foi altura de iniciar a análise das dezenas de fotografias e vídeos recolhidos durante o cruzeiro em diversos tipos de fundos marinhos. O objetivo principal da sua investigação

é caracterizar pela primeira vez as comunidades e a biodiversidade dos organismos que vivem nas planícies abissais amostradas com o vídeo. Estes organismos têm um tamanho aproximado ou superior a 3 cm, e são designados de mega-epifauna. Para esta etapa foi estabelecida uma parceria com a investigadora Sofia Ramalho, especialista em ecologia das comunidades de mega-epifauna, atualmente investigadora do CESAM - Universidade de Aveiro, é licenciada em Biologia e tendo realizado o “European Master of Nematology” na Universidade de Évora.

As imagens recolhidas permitiram criar um catálogo em que são incluídas diversas imagens “tipo” dos organismos morfológicamente distintos, também designadas como morfoespécies, com a identificação ao nível taxonómico mais baixo possível. “Ao contrário do que acontece frequentemente nas zonas costeiras e pouco profundas em que são recolhidas amostras físicas destes organismos, por exemplo com técnicas de amostragem usando redes de arrasto ou dragas, a identificação da fauna por imagens não permite a observação detalhada de caracteres diagnósticos importantes que suportam uma identificação ao nível da espécie com um grau de confiança elevado” confirma a investigadora.

Em alternativa, as identificações são tipicamente realizadas com suporte a outros catálogos de referência já publicados em plataformas online para os mesmos habitats e/ou regiões oceânicas, literatura científica disponível e também confirmação por peritos na área. “É importante referir que esta limitação na identificação, é superada pelos benefícios que esta técnica de amostragem nos traz” considera Helena Adão. A preferência por técnicas de amostragens remotas, por vídeo e/ou fotografia, utilizando por exemplo Veículos Remotamente Operados (ROVs),

laboratório vivo



▲ Megafauna

As técnicas de amostragem de vídeo e fotografias, permitem o estudo de grandes extensões dos fundos marinhos, bem como a observação *in-situ* do comportamento destes animais e possíveis associações com o habitat circundante.

tem uma vantagem óbvia muito importante quando trabalhamos a grandes profundidades e em locais possivelmente únicos e nunca antes estudados, que é ser um método de amostragem não destrutivo, não tendo efeitos nocivos sobre os ecossistemas. Além disso, técnicas de amostragem de vídeo e fotografias, permitem também o estudo de grandes extensões dos fundos marinhos, bem como a observação in-situ do comportamento destes animais e possíveis associações com o habitat circundante.

A partir do momento em que o catálogo foi criado, e servindo como guia da grande biodiversidade de organismos encontrados, “começamos então o processo de quantificação da fauna das fotografias extraídas a partir dos vídeos, também chamado de anotação de imagem, ainda a decorrer”. Este processo está a decorrer com auxílio do software de livre acesso PAPARA(ZZ)I (Macon and Purser, 2017)), permitindo facilmente não só anotar a fauna encontrada, como também medir os organismos encontrados necessário para estimar a biomassa e determinar a área de amostragem, utilizando a escala de referência. Além das anotações da fauna, também os vestígios da atividade destes organismos, tipicamente designados pelo termo alemão, *Lebensspuren*, estão a ser estudados.

Visto que a grandes profundidades os processos biológicos como a bioturbação dos sedimentos ocorrem a um ritmo mais lento, é frequentemente possível observar em fundos lodosos diversas marcas na superfície dos sedimentos associados à alimentação e movimentação destes organismos, bem como em alguns casos evidência de zonas de refúgio em pequenos tubos ou galerias, podendo estas marcas persistir no fundo por vários meses ou até mesmo anos.

“Esta informação permite-nos por exemplo inferir a presença de organismos que por terem densidades muito baixas não foram capturados durante as amostragens. Paralelamente, os vídeos recolhidos também de suporte à confirmação visual do tipo de substratos e habitats em estudo. Os sedimentos amostrados foram transportados para o NemaLab-Laboratório de Nematologia da Universidade de Évora, onde existe a logística necessária para extração, contagem e identificação taxonómica da meiofauna. Algumas amostras de sedimento congeladas a bordo para a análise do microbioma foram transportadas pela equipa do instituto ETH (Zurique) onde estão a realizar a extração do DNA “que será posteriormente enviado para a equipa do MARE da Universidade de Évora para prosseguir com as fases seguintes do protocolo para a identificação do microbioma dos sedimentos”.

Destaca-se o importante contributo da investigadora Kasia Sroczyńska, uma polaca formada em oceanografia pela Uniwersytet Gdański (Polónia) que rumou a Portugal, atualmente investigadora no MARE, da Universidade de Évora e que também participou no Gloria-Flow. Helena Adão mostra-se entusiasmada pelos resultados alcançados, na expectativa que no futuro próximo permitam contribuir para um melhor entendimento do Oceano e da sua valorização, desempenhando um papel fulcral no meio ambiente e no futuro da humanidade

Resta-nos citar mais uma vez, David Attenborough, na sua mais recente intervenção COP26 “In my life time I witness a terrible decline, in yours you could and should witness a wonderful recovery!”. O sucesso desta recuperação depende, em larga escala da Ciência, e estamos certos do contributo das equipas de investigação multidisciplinares, que, como o MARE, exploram o mar profundo.



▲
◀ **Foram várias as tarefas a bordo do METEOR,** com a equipa de cientistas a descrever e a interpretar os eventos registados

“ É um desafio imperdível na vida de um biólogo marinho. A vida a bordo de um navio oceanográfico é talvez um dos momentos mais gratificantes da vida de um investigador. Tudo o que desejamos desde os nossos primeiros passos na investigação ocorre num navio, equipas multidisciplinares e complementares à distância de uma porta, laboratórios com equipamento muito sofisticado e organização. Todos sabemos que função desempenhar na equipa.

Helena Adão



Sobre Helena Adão

Licenciada em Biologia e Geologia pela Universidade de Évora (1987), doutorou-se em Biologia na Universidade de Évora (2004). Especialista em Ecologia Estuarina e Marinha, é professora no Departamento de Biologia da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora. Coordena o Centro de Ciências do Mar e do Ambiente (MARE-UE) e coordena e participa em diversos projetos de investigação na área da Ecologia da Meiofauna com especialização no grupo taxonómico de nemátodes marinhos. Em 2020 foi cientista convidada na expedição oceanográfica internacional M162 Glória-Flow, com o objetivo de estudar as comunidades biológicas associadas aos sedimentos da “Falha Glória”.

essência

“Desde que me lembro sempre me interessou muito desenhar ou fazer construções, por exemplo, com legos ou até molas da roupa, ouvir histórias contadas e programas de rádio — especialmente teatro radiofônico —, e logo que aprendi a ler gostava de devorar livros. Raramente me aborrecia”.

LIVE ART OU A ARTE VIVA FEITA POR ARTISTAS



essência

Fomos ao encontro de Susana Mendes Silva na Escola de Artes da Universidade de Évora, para sermos mais exatos, no Colégios dos Leões, uma antiga fábrica dedicada à produção de massas alimentícias e de padaria, agora convertida num pólo dedicado ao ensino e à investigação artística. Com o dia a arrojarem os raios de sol típicos de uma manhã morna de outono, a protagonista da nossa história recebeu-nos de sorriso aberto numa demonstração de sensibilidade que perdurou durante toda a conversa. Susana Mendes Silva nasceu em Lisboa em 1972, o mesmo ano em que, pela primeira vez, se realizou nas Caldas da Rainha uma inédita colónia de férias para filhos de presos políticos. Quem sabe, esse episódio tenha sido premonitório para a construção da sua obra, um universo “que contempla e reconfigura contextos sociais diversos sem perder de vista a singularidade do indivíduo”.

A sua intimidade psicológica e a sua voz são inúmeras vezes veículos de difusão e receção de mensagens poéticas e políticas que convocam e reativam a memória dos participantes e espectadores. Sempre “bastante curiosa”, gosta de dançar, “em criança cheguei a pensar que poderia ser a minha futura profissão”, acrescenta para melhor compreensão da sua personalidade. Criativa, emotiva e sempre crítica, Susana Mendes Silva vai construindo narrativas pejudadas de simbolismo e apresenta-nos o seu mundo feito de tempo e de espaços que reavivam a nossa identidade.

“ Enquanto artista sempre me interessou colocar questões. Julgo mesmo que essa é uma das tarefas mais importantes que um ou uma artista pode ter, porque as obras de arte são espaços de liberdade e de desassossego

“Enquanto artista sempre me interessou colocar questões. Julgo mesmo que essa é uma das tarefas mais importantes que um ou uma artista pode ter, porque as obras de arte são espaços de liberdade e de desassossego” acrescenta. Perseverante, Susana Mendes Silva conseguiu realizar, em tempos de pandemia, uma residência em França para a Bienal de Momon, outra no Museu Regional Rainha D. Leonor em Beja no âmbito do programa Futurama, e um workshop de performance com estudantes do 3.º ano da licenciatura em Artes Visuais na Universidade do Minho, “sinto que esse tempo permite agora ter uma atitude revigorada face à docência”.

Docência que surgiu como uma oportunidade. Desafiada no ido ano de 1998 por Clara Menéres (1943-2018), escultora que marcou várias correntes ao longo da sua carreira, “desde a arte feminista e erótica nos anos 60 e 70, à arte religiosa nos últimos anos, tendo trabalhado em pedra, plástico, metal, néon e bordados, entre muitos outros materiais”, Susana Mendes Silva veio lecionar Desenho para Évora no curso de Arquitetura Paisagista. “Na altura a Professora disse-me com o seu humor muito particular: “Susana, devia candidatar-se para ir treinando, pois estes concursos são muito exigentes e burocráticos”. Não ficou em primeiro lugar na classificação final, mas passado uns meses — estava, na altura, a dar aulas na Casa Pia de Lisboa — “ligaram-me de Évora



e perguntaram-me se ainda estava interessada pois os outros dois candidatos tinham optado por outras propostas de trabalho que tinham, entretanto, surgido. Foi incrível ter tido a oportunidade de chegar à Universidade de Évora como Assistente Estagiária e dar aulas a estudantes que tinham praticamente a minha idade”.

Para Susana Mendes Silva é o processo que desperta maior atenção na arte de criar, “que pode acontecer de duas maneiras diferentes: ou seja, por um lado situações ou conversas que vou experienciando ou escutando aqui e ali, outras vezes são objetos físicos que vou encontrando, peças que apanho e vou metendo no carro” [risos], segredando que numa das suas últimas exposições a base de inspiração foram pequenas peças em madeira que tinha recolhido há mais de dez anos. “Só passado esse tempo e depois

de amiúde as ter colocado e voltado a colocar é que senti que faziam sentido”, diz entre sorrisos como que a recordar o momento exato de tão fascinante criação.

Entre a docência e a sua atividade artística, Susana Mendes Silva apresenta-nos um portfólio cheio de personalidade marcado por momentos históricos mais ou menos apagados da memória coletiva, “o que permite refletir sobre o passado e examiná-lo para o rerepresentar segundo diferentes perspetivas e abrir novas possibilidades”, assevera, recordando o leitor de “Le trésor” uma performance que apresentou na Chapelle des Petits Augustins, na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris, “S/ Título (Sarajevo)” (1999) da coleção de Ivo Martins em depósito na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea -, na cidade do Porto, cujo trabalho de investigação foi essencial.

◀ **“Le trésor” performance**

que apresentou na Chapelle des Petits Augustins, na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris

“A investigação artística enquanto pensamento incorporado em objetos materiais ou imateriais precisa disso mais do que tudo” lembra-nos a nossa anfitriã enquanto dá indicações a uma estudante no segundo ano do seu percurso universitário. Segura e tranquila, Susana Mendes Silva percorre com o olhar cada detalhe, cada traço botado no papel pelo seu grupo de estudantes é examinado, sempre deixando que a liberdade criativa flua. “Quando um ou uma docente não tem o seu tempo letivo e de tarefas universitárias maximizado para haver esse tempo de trabalho artístico é muito difícil ter uma produção de obras porque temos mesmo que estar nos sítios de exposição, no atelier a experimentar, com comunidades, em arquivos...”

Nesse zigzague da vida, Susana Mendes Silva, realça que o seu processo criativo decorre muito de trabalhar com espaços e o que estes revelam, mas também com a especificidade dos *media*. “Em geral, faço um trabalho muito intenso de investigação histórica, forense e plástica e é desta conjugação de vetores e do que vou descobrindo que o trabalho final surge”.

Seja através da instalação, performance ou das mais variadas formas de transmitir a sua mensagem, o propósito é sempre universal, “oferecer outros pontos de vista e colocar questões – eu apresento a minha perspetiva -, não conto a história da carochinha, mas também não sou historiadora, não é isso que me interessa. O que posso fazer enquanto artista é trazer ao de cima certos temas ou personalidades, assim como uma espécie de arqueologia onde vou escavando e tento ver por debaixo da camada do tempo o que lá existe”.







Performance De mim

Marta Rema procedeu à leitura performativa da conferência em que Judith Teixeira explicou “as minhas razões sobre a Vida, sobre a Estética, sobre a Moral” (1926)

Exemplo desse «traçar de novas perspectivas» é a exposição e performances «Como silenciar uma poeta», inspiradas na obra da escritora portuguesa Judith Teixeira (1880-1959), que nos meses de verão de 2020 ocupou o Museu Nacional de Arte Contemporânea em Lisboa. “Como me interessa muito o que está para além do que nos é dado a ver, fiz uma pesquisa sobre o Museu, sobre censura, sobre silenciamentos e tropecei no episódio de apreensão de livros acusados de homo-erotismo em 1923”, Para além da exposição tiveram lugar três momentos performativos, os quais Susana Mendes Silva refere fazerem parte do trabalho que desenvolveu para o Museu. Em *Tradução #1*, com Patrícia Carmo, o poema *Flores de Cactus* foi traduzido para Língua Gestual Portuguesa e *Tradução #2*, com Alda Calvo, para Mirandês. Em *De mim*, Marta Rema procedeu à leitura performativa da conferência em que Judith Teixeira explicou “as minhas razões sobre a Vida, sobre a Estética, sobre a Moral” (1926), tratando-se do único manifesto modernista escrito por uma artista portuguesa e através do qual a autora se defende dos ataques e críticas a que vinha sendo sujeita desde 1923.

Designados como Literatura de Sodoma, recordamos ao leitor que foram queimados no Governo Civil de Lisboa os livros “Canções” de António Botto, “Sodoma Divinizada” de Raul Leal e “Decadência” de Judith Teixeira, “assim pareceu-me fundamental convocar a presença desta poeta que a partir de 1927 saiu do país e nunca mais escreveu uma linha. Praticamente até ao final dos anos 90 a sua obra esteve quase esquecida e o seu nome não aparecia em nenhuma antologia sobre o Modernismo”. Até Fernando Pessoa a fez esquecer “tirou-a logo da equação por considerar que a obra dela não tinha valor literário, por isso tentei encontrar o motivo! Será que era por ser mulher?”

essência

•Arte• sem moral nenhuma

Têm ultimamente aparecido nas livrarias—alguns precedidos de largo réclame—vários livros obscenos. Houve já uma inundação parecida, aqui há uns anos, quando um tal Sr. Raúl Leal publicou um opúsculo intitulado *Sodoma Divinisada*, que nas mont as era ladeado pelas *Canções* dum tal António Bôto e por um livro de grande formato intitulado *Decadência*, duma desavergonhada chamada Judit Teixeira.

A intervenção dos estudantes de Lisboa pôs cobro a este estado de coisas com grande indignação do Sr. Júlio Dantas e de vários outros impagáveis bípedes, catedráticos e não catedráticos, académicos e não académicos. Êle há cada um!

O que é facto é que o Leal e o Bôto e a Sr.^a Judit Teixeira foram todos para o Governô Civil onde, sem escolha, se procedeu à cremação daquela papelada imunda, que empestava a cidade.



▲ “Como silenciar uma poeta”

exposição e performances, inspiradas na obra da escritora portuguesa Judith Teixeira (1880-1959)
[fotografia Nuno Barroso]

“Como é que se silencia um ou uma artista? Será que podemos fazê-lo ainda hoje? Este episódio aconteceu há quase 100 anos quando o fascismo estava a começar a mostrar os seus primeiros tentáculos em Portugal, mas será que aprendemos com esse passado?”, questões que inquietam Susana Mendes Silva “porque quando não temos passado não temos um futuro muito consciente”, responde assertiva propondo-se continuar a analisar e redescobrir a nossa história emprestando-lhe a sua perspetiva de mulher e de artista.

“Tudo o que vemos acabamos por processar de forma crítica, existem aspetos da nossa formação que nos moldam e é isso que também pretendo deixar aos alunos” sublinha, enquanto caminhamos para a ecopista onde outro grupo de estudantes, estes no primeiro ano da sua formação, se encontram a praticar o desenho em perspetiva. “Ninguém ensina ninguém a ser artista, podemos sim ensinar a pensar, este é o nosso papel, ser uma figura de guia e mostrar caminhos, porque não existe um caminho uno. Na época em que vivemos felizmente podemos seguir vários caminhos, mas nem sempre foi assim” acentua enquanto também nós percorremos o nosso trajeto outrora balanceado pelo ruído abstrato da sonoridade mecânica do comboio.

Existe aqui um certo sentimento de melancolia, produzido pelo ambiente onde nos encontramos sempre acompanhados pelo leve chilrear dos pássaros que pousam nas mesmas árvores que serviam de inspiração para o desenho do grupo de estudantes de Susana Mendes Silva. O tempo urge, mas continua morno. Caminhando em passos lentos, a conversa desenrola-se suave e somos consentidos a entrar no seu universo. Para Susana Mendes Silva “o que mais interessa é o agora” ainda que o passado seja útil

para a construção do futuro, “quero fazer algo novo, procurar mensagens esquecidas, opacas, apagadas no tempo, ressuscitando-as entre o académico e o punk”.

Para Susana Mendes Silva a arte pode sentir dimensões temporais, “a arte contemporânea traz essa liberdade às artes plásticas através dos campos expandidos das práticas artísticas. Se pensarmos, por exemplo, na herança que nos traz a arte conceptual: permitiu-nos que obras de arte — por exemplo, instalações, pinturas, ações — através de instruções específicas ou partituras, possam ser repetidas de uma forma mais duradoura que se fossem feitas com qualquer outra matéria física. Eternamente, enquanto alguém o queira fazer.” Por outro lado, sentencia Susana Mendes Silva, recorrendo a RoseLee Goldberg a propósito da Live Art “as práticas artísticas que acontecem num determinado período de tempo e ao vivo, como a performance, no campo das artes plásticas, deu-nos algumas das imagens mais icónicas da História da Arte recente através dos registos fotográficos e videográficos feitos na altura.”

Centrando a conversa em torno da arquitectura paisagista, Susana Mendes Silva não tem dúvidas em afirmar que esta é uma disciplina holística e basilar para o entendimento do mundo que nos rodeia e que não há entendimento dos espaços sem a perspetiva artística e estética. “Foi essa a herança que nos deixou, aqui na Universidade, Gonçalo Ribeiro Telles. Hoje mais do que nunca sabemos que a arquitectura paisagista é fundamental e tão necessária para compreendermos a paisagem, o território, as cidades, as pessoas, e os outros seres vivos. Basta pensarmos, por exemplo, o que sentimos num Jardim como o da Fundação Calouste Gulbenkian: este é simultaneamente um espaço mágico, belo, um ecossistema



importantíssimo na cidade, mas também cheio de recursos tecnológicos — como o facto de por cima da garagem existirem árvores enormes. Lugares como esse são no fundo manifestos políticos, éticos, estéticos e artísticos. Precisamos tanto dessa dimensão holística ao olhar para Portugal, para a Terra nesta época em que os desafios ambientais implicam a nossa própria sobrevivência”.

Após mais de vinte anos dedicada ao ensino em Évora, cidade que acolheu, Susana Mendes Silva mostra-se agradecida, “tem sido uma experiência muito especial e um grande orgulho fazer parte desta equipa e do Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento onde sempre fui muito acarinhada. Por outro lado, temos uma abordagem verdadeiramente inter e transdisciplinar, privilegiando o ensino fora de portas numa ligação com a cidade e a sua envolvente — e sempre que possível com todo o território português —, bem como promovemos uma relação muito próxima com os discentes”

Susana Mendes Silva é uma artista contemporânea que nos surpreende, criando espaços dinâmicos e superlativos, entre as relações inter-humanas, a intimidade, a empatia, o desejo, e a fantasia. Neste cenário de constelações “viajar, estudar e viver fora deveriam ser quase tarefas obrigatórias” porque são também elas “que nos transformam, tornamo-nos mais flexíveis, adaptáveis, tolerantes e crescemos como pessoas já que, se tivermos abertura, estamos perante novos paradigmas de pensamento, socioculturais, pedagógicos, entre outros...”

“Não esqueçam que são desenhos rápidos, são quinze minutos e podem tirar os vossos colegas, aliás, esse é a grande vantagem do desenho para a fotografia” escutamos ainda sorridente Susana Mendes Silva, em instruções a uma estudante, enquanto nos íamos afastando com a certeza de que muito ficou por decifrar, na esperança, porém de despertar a curiosidade do leitor a acompanhar de perto o legado artístico desta artista plástica.



Sobre Susana Mendes Silva

Artista plástica, performer e professora no Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, Escola de Ciências e Tecnologia, da Universidade de Évora. O seu trabalho integra uma componente de investigação, e de prática arquivística, que se traduz em obras cujas referências históricas e políticas se materializam em exposições, ações e performances através dos mais diversos meios de produção. Susana estudou Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e frequentou o programa de doutoramento em Artes Visuais (Studio Based Research) no Goldsmiths College, Londres, tendo sido bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian. É Doutorada em Arte Contemporânea, pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, com a tese baseada na sua prática performativa – “A performance enquanto encontro íntimo”.

A ANTECIPAR O FUTURO

Fica em Évora um dos quatros Centros Operacionais que integram, em Portugal, a Rede Nacional de Computação Avançada (RNCA), que procura disponibilizar não só às comunidades académicas e de investigação, mas também ao tecido empresarial e a todos os potenciais beneficiários, os recursos nacionais de computação avançada, promovendo a cooperação entre os vários centros envolvidos e desenvolvendo parcerias nacionais e internacionais com as mais diversas entidades, sendo a Universidade de Évora uma delas.

Portugal foi, em 2020, um dos países selecionados para acolher os supercomputadores que vão servir a futura rede europeia que pretende, assim, posicionar-se na linha da frente na área do digital, em particular, na capacidade de processamento de dados. O supercomputador Oblivion, associado ao projeto do maior radiotelescópio do mundo, o Square Kilometre Array (SKA), possui um desempenho equivalente à combinação de mais de mil computadores. Através da promoção de práticas que



aqui e agora

▼ Lançamento da Cátedra High Performance Computing

Manuel Heitor, ministro da ciência, tecnologia e ensino superior

Ana Costa Freitas, reitora da UÉ

Paulo Quaresma, vogal do conselho diretivo da FCT

António Candeias, vice-reitor da UÉ

João Carrega, presidente do conselho geral da UÉ

1 nov 2021



valorizam a simplicidade de procedimentos, permite, entre outras tarefas, a construção de modelos sobre a origem e evolução do Universo ou até da radiação emitida a partir do Sol, o desenvolvimento de aplicações industriais nos mais diversos domínios, que se reflete na conceção de medicamentos e novos materiais, bem como a testagem de aplicações paralelas para previsões nas áreas do clima e da agricultura.

E, porque o passado nos ajuda a construir o futuro “onde a inovação tecnológica é um dos pilares de uma estratégia maior de uma instituição de ensino superior empenhada em acompanhar os ritmos de desenvolvimento”, como enfatiza Ana Costa Freitas, Reitora da UÉ, foi precisamente no dia em que a academia eborense assinalou 462 anos de história que decorreu o lançamento da Cátedra High Performance Computing (HPC), patrocinada pela Hewlett Packard Enterprise, uma empresa multinacional americana de referência mundial em tecnologias da informação.

Esta nova infraestrutura que agrega uma equipa de 24 investigadores das universidades de Évora, do Algarve, Nova de Lisboa e do Porto, com especializa-

ção em diferentes áreas científicas, evidencia, de acordo com Manuel Heitor, Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, que marcou presença na cerimónia de lançamento, “a relevância do tema e a relevância da Universidade de Évora no panorama nacional”.

Liderada por Miguel Avillez, coordenador do Centro de Computação de Elevada Performance da UÉ e investigador na Universidade Técnica de Berlim, esta nova infraestrutura de investigação e desenvolvimento (I&D) nasce para proporcionar soluções que respondam às necessidades específicas da população local, fomentando um ecossistema de inovação tecnológica para o desenvolvimento da região. A partir de uma abordagem mais eficiente às estratégias nacional e europeia de inovação, permitirá o fortalecimento da ligação entre a academia e a indústria, através da transferência de conhecimento que visa reforçar as competências nacionais de computação avançada, inteligência artificial, prototipagem e análise de dados de alto desempenho, potenciando, assim, o envolvimento dos múltiplos stakeholders na ampla rede europeia de supercomputação.

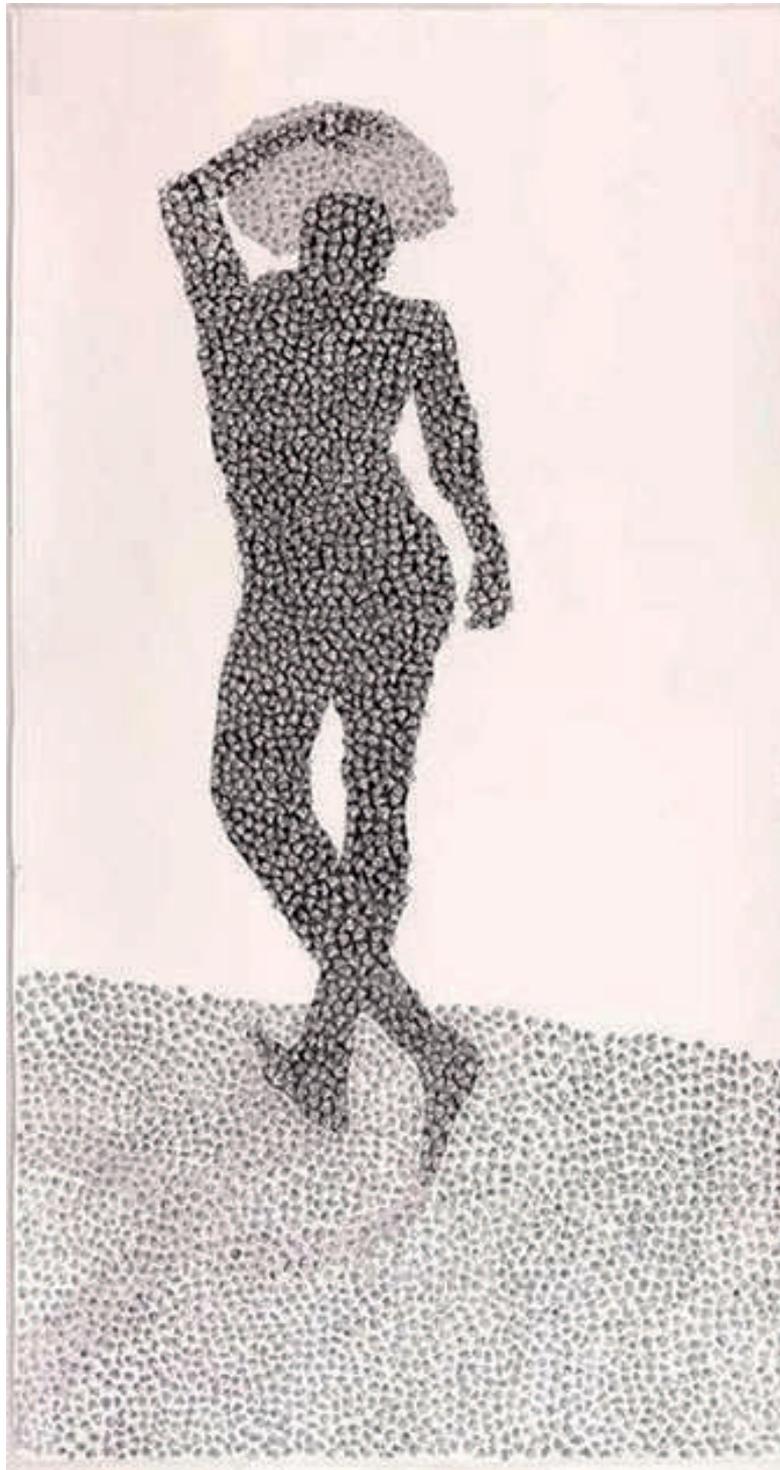


Figura Maneirista Filipe Rocha da Silva
Desenho a lápis sobre papel [128x68 cm]
2008



UNIVERSIDADE DE ÉVORA